

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

KARINA WOEHLE DE FARIAS

**O RADIOEDUCATIVO EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE
EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO COMUNICASOM**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade do
Extremo Sul Catarinense -
UNESC, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre
em Educação

Orientador: Prof. Dr. Alex Sander
da Silva

**CRICIÚMA
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F224r Farias, Karina Woehl de.

O radioeducativo em espaços alternativos de educação : a experiência do Comunicasom / Karina Woehl de Faria ; orientador: Alex Sander da Silva. - Criciúma : Ed. do Autor, 2013.

97 f. : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2013.

1. Rádio na educação. 2. Educação popular. 3. Educação comunitária. I. Título.

CDD 22. ed. 371.3331

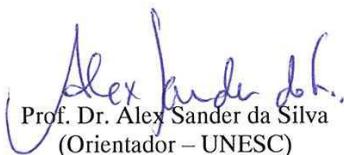
KARINA WOEHL DE FARIAS

**O RADIOEDUCATIVO EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS DE
EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO COMUNICASOM**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 18 de abril de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alex Sander da Silva
(Orientador – UNESC)



Prof. Dra. Jane Schumacher
(Membro – UNIPAMPA)



Prof. Dra. Janine Moreira
(Membro – UNESC)

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
(Suplente – UNESC)

Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral
Coordenador do PPGE-UNESC



Karina Woehl de Farias
Mestranda

À Bri, inspiração constante na
busca do conhecimento e da
realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Os sonhos existem para serem alcançados. Mesmo que a trajetória seja árdua e penosa, sempre vale a pena seguir lutando por eles. Busquei um dos meus ao entrar no Mestrado em Educação e hoje concretizo algo que irá colaborar na minha transformação enquanto pessoa e profissional. Para chegar até aqui, Deus esteve comigo em orações, me guiando e dando forças para seguir em frente.

Não há quantia material capaz de “pagar” o apoio e o incentivo que recebi dos meus familiares. Este momento não seria tão especial, se minha melhor amiga e mãe, Brigitte, não estivesse sempre ao meu lado nos momentos de tristeza e felicidade. Ao meu irmão Fabrício, como meu grande exemplo de cidadão do bem, o meu muito obrigado. Fá, como te amo. Naza, minha cunhada guerreira foi espelho e fortaleza quando pensei que não daria conta do recado. Vocês são meu porto seguro, meu tudo.

A ausência física de meu pai foi amenizada nestes dias em que pesquisei o rádio. Graças à profissão que exerceu com tanta paixão, tornei-me uma radioapaixonada. Lamento que estando em outro plano não possa celebrar comigo este momento mágico da minha vida. Aos meus colegas de radiojornalismo, pelas emissoras que passei, um abraço fraterno por terem me ensinado tanto.

Meu orientador não mediu esforços para que nos tropeços do caminho até o fim desta dissertação eu não desistisse. Doutor Alex Sander, o senhor me motivou a dar sequência à vida acadêmica. As palavras nas horas difíceis serviram de alento à alma, à mente e ao coração.

O aprendizado construído com o educador social Daniel Paes será guardado para o resto da minha vida. Minha admiração é grandiosa e a paixão pelo rádio nos uniu no caminho da pesquisa. Valeu, cara!

A energia contagiante exercida na parceria do meu local de trabalho – o Portal Satc - me deu força e gás para finalizar mais este projeto. Meu agradecimento mais que especial às jornalistas que tanto admiro e as tenho como exemplo, Nádia Couto e Lize Búrigo. Para Marli Vitali me faltam palavras e formas de retribuição por tantos “galhos quebrados” e conselhos incentivadores. Vocês são minhas amigas de verdade. Aos demais colegas de redação, meu beijo no coração de cada um de vocês.

As horas difíceis foram menos dolorosas ao lado das minhas amigas-irmãs Sâmia, Dine e Fernanda. Sem o bem que vocês me fazem eu não chegaria aqui. Não há dúvidas que vocês são as irmãs que a vida

me deu. Os dias são bem mais coloridos quando tenho os conselhos de vocês. Jaaffar e Douglas, obrigada por tornarem a vida mais leve, ajudando a realizar os meus sonhos sem dor.

Amigos, familiares e colegas, a frase pode ser clichê, mas externa o que sinto no fundo da minha alma: eu não chegaria até aqui sem o esforço de cada um de vocês.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso sobre radioeducativo, construída através de entrevistas orais e análise documental realizadas com os envolvidos do Projeto Comunicasom. A iniciativa deste projeto é uma parceria entre Justiça Federal e Universidade do Extremo Sul Catarinense e tem como objetivo ressocializar, por meio do rádio, adolescentes em privação de liberdade, detidos no Casep de Criciúma. Este estudo tem como finalidade saber se o radioeducativo contribui no processo de emancipação destes meninos, bem como investigar se as oficinas de rádio oferecidas pelo Comunicasom contribuem para a construção do conhecimento dentro do Casep. Ao longo deste trabalho foram ouvidos adolescentes em conflito com a lei, o educador social e criador do projeto e a diretora do Centro de atendimento Socioeducativo Provisório de Criciúma (Casep). Questões como educação libertadora, educação popular e conscientização foram termos enfatizados nesta pesquisa que utilizou das obras de Paulo Freire a fim de compreender de que forma a educação em espaços alternativos contribui para o processo emancipatório. Mesmo com falhas perceptíveis e apontadas na pesquisa, o Comunicasom consegue dar voz aos adolescentes à margem da lei, que encontram no rádio uma ponte entre o que fizeram e o que pretendem fazer após a liberdade. Atualmente o Comunicasom está funcionando no Presídio Santa Augusta e utilizado em palestras para prevenção da violência infanto-juvenil.

Palavras-chave: Radioeducativo. Educação Popular. Comunicasom..

ABSTRACT

This research is characterized as a case study about educational radio, built through interview and documental analysis, conducted with the stakeholders in the Comunicasom Project. The initiative of this project is a partnership between Federal Justice and University of the South End of Santa Catarina and aims to re-socialize, through radio, teenagers in custody, detained in CASEP of Criciuma. This study aims to find out how the educational radio helps in the process of emancipation of these boys and to investigate how the workshop offered by Radio Comunicasom contribute to building knowledge within the CASEP. Throughout this study were heard teenagers in conflict with the law, the social educator of the project and the director of the temporary center CASEP. Questions like liberating education, popular education and awareness were emphasized terms used in this research that the works of Paulo Freire to understand how education in alternative spaces contributes to the emancipation process. Even with perceptible flaws, and outlined in the research, the Comunicasom can give voice to the teenagers outside of the law, which find out the radio as bridge between what they did and what they will do after freedom. Currently the Comunicasom is working in Santa Augusta Prison and used in the lectures for the Children and Youth violence prevention.

Keywords: Radioeducativo. Popular Education. Comunicasom.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Casep de Criciúma no bairro Vila Zuleima	59
Figura 2 – Corredor e celas do Casep	59
Figura 3 – Oficina de rádio do Comunicasom no Casep de Criciúma .	67
Figura 4 – Daniel Souza Paes olhando um dos trabalhos dos internos feito em cerâmica	71
Figura 5 – Daniel Souza Paes – educador do Comunicasom	71
Figura 6 – Adolescentes entrevistados pela autora no primeiro contato com o Comunicasom	75
Figura 7 – Adolescentes do Casep em oficina de rádio	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACERP - Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto

CASE - Centros de Atendimento Socioeducativos

CASEP - Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório de Criciúma

CIP - Centro de Internamento Provisório

DEAP - Departamento de Administração Socioeducativa

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FUCABEM - Fundação Catarinense de Bem-Estar do Menor.

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC - Ministério da Educação e Cultura

SER - Serviço de Radiodifusão Educativa

SINRED - Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 RÁDIO COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES HISTÓRICO-CONCEITUAIS	30
2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-CONCEITUAL DO RÁDIO NA SOCIEDADE BRASILEIRA	30
2.2 EDGAR ROQUETTE-PINTO E O RADIOEDUCATIVO	36
2.2.1 A rádio MEC, o Minerva e o MEB: experiências educacionais	40
2.3 O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA... ..	44
3 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS EM PAULO FREIRE	49
3.1 FREIRE E A EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE.....	49
3.2 EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS	53
3.3 EDUCAÇÃO POPULAR NO CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO PROVISÓRIO (CASEP).....	57
4 O DIREITO À VOZ DE QUEM ESTÁ EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: OS SUJEITOS	62
4.1 O RÁDIO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA: O COMUNICASOM	62
4.2 O OLHAR DE UM EDUCADOR POPULAR SOBRE O RÁDIO	68
4.3 A LIBERDADE POR MEIO DA FALA – O DEPOIMENTO DOS MENINOS.....	73
4.3 ARREPENDIMENTO, FAMÍLIA E <i>OPORTUNIDADE</i> LÁ FORA	77
5 CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE(S)	94

1 INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação podem significar em nossas vidas espaços importantes na construção do conhecimento, seja ele crítico ou de senso comum. Por meio deles, muita gente conhece e percebe a realidade. Por isso, muitos destes meios são usados hoje em dia na educação como ferramenta nos processos de ensino e aprendizagem.

Este caráter multifacetado da comunicação faz da mídia um importante agente de formação e transformação da sociedade. Por isso, há a necessidade de se discutir o uso dos meios para esta construção de conhecimento, seja ele dentro ou fora de uma sala de aula. É necessário perceber que a mídia pode ser usada, sim, como alternativa de ferramenta educativa, como ponto de partida para a ampliação de um novo assunto a ser estudado ou como instigadora à construção de novos conhecimentos nas mais variadas áreas.

São muitas as funcionalidades educativas dos veículos. Eles podem ser usados para a transmissão de cursos à distância ou voltados a uma programação especializada e didática, e também como ferramenta de reflexão, como análise crítica dos cidadãos sobre o mundo, a televisão, o cinema, o rádio, os jornais e as revistas. Sendo assim, o professor pode ter nos meios uma forma a mais de ampliar o desenvolvimento das capacidades críticas do educando para aquilo que é veiculado, contribuindo na formação deste cidadão, capaz de refletir, comparar, analisar e criticar as informações que a ele chegam.

Enquanto a família, a classe social, o bairro e, às vezes, a religião são fatores de diferenciação das crianças, a escola e a mídia funcionam como fatores de unificação – o objetivo é consenso – difundindo os valores e as normas consideradas comuns a todos em uma sociedade. A escola e a mídia desempenham o papel de guardiãs e difusoras de uma espécie de síntese dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social (BELLONI, 2009, p.33).

A utilização dos meios enquanto difusores de valores, como afirmou Belloni (2009), ocorre há muito tempo no Brasil, como no caso do rádio, que surgiu no país como invento voltado para formar e informar cidadãos em 1923.

O criador do rádio brasileiro foi Edgar Roquette-Pinto, um médico e cientista apaixonado pela educação, que viu na radiodifusão um instrumento de transformação da sociedade, já que a programação da primeira emissora nacional tinha um foco voltado à cultura. Com o lema *O rádio é a escola dos que não têm escola*, Roquette-Pinto viu nas ondas sonoras um meio de diminuir a falta de cultura do povo brasileiro da década de 1920. O antropólogo associava divulgação da cultura ao progresso do país, movimento diretamente ligado a tentativa de desenvolvimento do Brasil. “Roquette vislumbrou no rádio o meio necessário para um projeto de integração nacional” (PIMENTEL, 1999, p. 22).

É na figura deste importante veículo e, principalmente da educação, que esta pesquisa foi motivada. Desde antes da minha formação acadêmica eu já atuava no rádio. Logo no primeiro semestre da graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – comecei a trabalhar em uma emissora de radiojornalismo. Mas o gosto pela comunicação começava ainda antes da faculdade. Meu pai, hoje já falecido, dedicou boa parte de sua vida às ondas sonoras. Narrador de futebol e comunicador, ele foi fonte de inspiração para este meu desejo de ampliar os estudos sobre rádio.

Sou uma apaixonada por radiojornalismo, ou como gosto de falar, uma radioapaixonada. Minha admiração pelo veículo tem relação com o sentimento que ele aflora: a imaginação. Por ser um meio sonoro ele permite que os cegos possam acompanhá-lo, assim como os analfabetos. É por meio do rádio que muita gente “lê” o mundo.

Gosto muito da definição de Robert McLeish (2001, p. 15), sobre o poder exercido pelo veículo na imaginação das pessoas. “Ao contrário da TV, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser. No rádio, o cenário é bem melhor”. Concordo com o autor, e este é mais um dos fatores que sempre me instigou a ouvir a mídia sonora. Imaginar, despertar, pensar!

Logo no primeiro semestre de faculdade eu consegui um emprego na área. Foi meu primeiro trabalho, e rádio. Trabalhar com os ícones do rádio em 1999, como Milioli Neto, João Sônego e Clésio Búrigo, foi uma experiência fantástica no meu início profissional. Foi uma fase estressante, mas enriquecedora.

Esta paixão pelo rádio, que começou em casa e foi para o meu campo de trabalho, levou-me a lecionar radiojornalismo. Com as aulas na faculdade percebi que havia unido a profissão do meu pai, radialista, com a da minha mãe, professora, e tornei-me professora de rádio. Com a oportunidade na academia resolvi prosseguir os estudos e cheguei ao

mestrado em Educação. E é neste contexto que a pesquisa sobre radioeducativo surge.

Logo no início do mestrado, ao cursar disciplinas isoladas, aprendi um pouco mais sobre a relação de Roquette-Pinto com a educação. Já o conhecia como criador e grande nome do rádio, mas não imaginava que sua dedicação a educar era tão intensa. Foi então que comecei a pesquisar mais sobre o radioeducativo e o seu criador. Desta parceria entre o médico e a educação surgiram alguns artigos, embriões deste estudo.

A radiodifusão educativa existe desde que o veículo foi criado em território brasileiro. A primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, transmitia programas educativos a quem possuísse um aparelho de rádio. Roquette-Pinto lia jornais, comentava as notícias do dia e professores revezavam-se ao microfone com audições a respeito dos diversos campos de conhecimento, desde cursos de línguas até comentários de história e física. (PIMENTEL, 1999).

Com esta intensa ligação entre educação e radiodifusão este estudo tem como objeto de pesquisa o radioeducativo. Desta forma, buscou-se um “recorte da realidade” sobre este assunto, encontrando assim o projeto Comunicasom, estudo de caso desta dissertação. A curiosidade sobre a iniciativa realizada pela Justiça Federal com o apoio da Universidade do Extremo Sul Catarinense, a Unesc, surgiu no momento que tive um primeiro contato, jornalístico é bem verdade, com as oficinas ofertadas no Centro de Atendimento Socioeducativo de Criciúma, o Casep. Essa vontade de conhecer alguma coisa nova Freire (1996, p. 61) chamou de um novo saber, quando afirma que “a curiosidade é já conhecimento”. Gadotti (2005) complementa dizendo que este conhecimento, mesmo que prático, faz sentido para quem projeta um futuro próximo.

O Comunicasom é uma tentativa de se fazer educação fora do espaço escolar, neste caso em um local com privação de liberdade, utilizando a comunicação como forma de estimular estes garotos a refletirem sobre suas ações até chegarem à conscientização. Conscientização explicada por Paulo Freire como prática de liberdade que permite a transformação do mundo e a superação do sujeito que se conscientiza (FREIRE, 1979).

Nesta perspectiva, a dialogicidade aparece como exigência para a construção de um conhecimento, que não é crítico, mas que passa a ser no momento que houver a relação com o mundo, numa relação de ação e reflexão (FREIRE, 1980). A conscientização exige que ultrapassemos a esfera da espontaneidade.

E como chegar a este nível crítico da consciência em um projeto socioeducativo que utiliza o rádio como ferramenta educativa? Pois bem, permitindo que estes meninos falem, dando voz e vez para que possam refletir e, a partir disso, criarem uma nova ação em conjunto, não individualmente. Essa dialogicidade citada pelo autor é o meio de se chegar a esta liberdade, que em Freire, é transcender-se, completar-se é o “ser mais” enquanto sujeitos de suas histórias. Transcendência que mesmo em privação pode ser instigada nestes garotos, fazendo-os refletir as relações entre si e com a realidade.

Silva (2006, p. 26) sugere que esta relação comece pelo diálogo interior e na sequência com o outro.

Através da reflexão interna, o indivíduo contrapõe e/ou interage pensamentos, chegando a conclusões que são exteriorizadas. Esse diálogo pode acontecer apreendido/vivenciado algo a respeito do tema dialogado. As reflexões internas podem fluir por já se ter participado de uma interação prévia, com o mundo, consigo e com os outros. Esta reflexão não é algo solto, mas situado na existência dos indivíduos.

Desta forma, esta relação dos meninos do Casep com o rádio é analisada por este estudo. A ideia é pesquisar o papel do rádio em espaços alternativos de educação e a sua contribuição na conscientização e emancipação de adolescentes em privação de liberdade. Assim, tem-se como questões centrais: **como o radioeducativo contribui no processo de emancipação de adolescentes em privação de liberdade nos espaços alternativos de educação? O rádio é utilizado nos processos de ressocialização de adolescentes do Casep de Criciúma dentro de uma perspectiva de educação popular?**

Diante do exposto, este trabalho visa, como Objetivo Geral: Compreender como o radioeducativo contribui no processo de emancipação de adolescente do Casep de Criciúma.

Assim, define como Objetivos Específicos: Investigar até que ponto o Comunicasom contribui com a construção de conhecimento dentro de um Centro de Atendimento Socioeducativo. Além disso, quer-se identificar com que medida o rádio pode desempenhar uma função educativa e analisar se o Comunicasom atua na ressocialização destes adolescentes.

Sendo o Comunicasom uma iniciativa fora do contexto escolar, trataremos como um projeto educativo em um espaço não formal, no caso o Centro de Atendimento Socioeducativo de Criciúma. A educação em espaços alternativos que utilizem uma educação popular será destacada em um dos capítulos deste estudo.

As oficinas de rádio utilizadas como atividade educativa no Casep destacam-se como projeto de estudo que configurou esta pesquisa como um estudo de caso. Os dados que pautaram a análise foram obtidos através de entrevistas no próprio centro, no ambiente onde os jovens elaboram e produzem conteúdo dos programas que serviram de base para o estudo. Além das entrevistas, a pesquisa é ampliada ao estudar áudios produzidos pelo educador das oficinas de rádio, caracterizando como uma pesquisa também de análise audiodocumental.

Optou-se por fazer uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, para melhor conhecer, via fala do idealizador e dirigente do projeto, dos representantes da instituição (Casep) e dos internos, se o rádio contribuiu para a conscientização destes meninos e emancipação.

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento [...] está ligada à prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo [...] (GIL, 1999, p. 59).

Entende-se que para compreender as mudanças nos educandos após as oficinas é preciso entender o movimento nas relações históricas destes rapazes com o mundo, bem como conhecer o papel social do rádio e se este papel vem se cumprindo ao longo dos anos.

Além de se caracterizar como um estudo de caso, a presente pesquisa utiliza a metodologia da história oral para ampliar o conhecimento científico do trabalho, o que para Martins e Theófilo (2009, p. 98), muito colabora no que se refere a estudos relacionados a experiências de vida. “O sujeito acontece como pensamento, fala e ação, por isso a palavra é um ato de existência, e a História Oral de Vida convida para os experimentos e o desafio do encontro que vai além do conhecimento superficial [...]”.

O presente estudo pautou-se a partir da análise de entrevistas que foram realizadas com pessoas que estão diretamente ligadas ao projeto Comunicasom, como os adolescentes, o educador social do projeto e

coordenadores do Casep. O primeiro contato ocorreu no próprio Centro de Atendimento Socioeducativo de Criciúma. Lá, o educador trouxe dois dos 20 internos para conversar com esta pesquisadora. A escolha pelos meninos partiu do próprio professor das oficinas de rádio por entender que aqueles dois garotos gostavam muito de participar das aulas de rádio.

O segundo momento foi de entrevistas com os envolvidos com a parte pedagógica do projeto Comunicasom. Por meio de entrevistas a coordenação do Casep colaborou com este estudo. Com perguntas no formato de entrevista semi-estruturada, com perguntas livres e pré-definidas, diretora e coordenadora explanaram sobre o Casep e também sobre o Comunicasom. O educador Daniel Souza Paes foi ouvido em pelo menos três oportunidades para que dúvidas sobre o projeto fossem sanadas. Ao total, foram ouvidos cinco sujeitos da pesquisa.

Por último, sentiu-se a necessidade de ouvir mais os meninos participantes das oficinas. O educador selecionou, por conta própria, mais três áudios com programas gravados pelos jovens em reclusão. Para Daniel, a escolha por estes três áudios foi motivada pelo conteúdo dos depoimentos dos meninos. “Considero estes muito bons. Vale a pena ouvir”, destacou o professor.

O radioeducativo é um tema que interessa a comunicólogos bem como educadores. Muito se estuda sobre a função educativa da mídia sonora, como na pesquisa que se tornou livro de Pimentel (1999), em que o autor aponta uma visão histórica desde o surgimento à consolidação do radioeducativo no país. Tema pesquisado por Gilioli (2008) com certo aprofundamento na trajetória de Roquette-Pinto.

O assunto também é aprofundado em um estudo de caso de Ongaro (2011), em que a pesquisadora analisa o Centro de Socioeducação de Curitiba, que utiliza o rádio para fins educativos. Além de jornalistas que desde muito tempo analisam o uso do rádio como agente transformador, como Ferraretto (2001) e Meditsch (2008).

O projeto Comunicasom não apresenta registro de pesquisa científica, somente registros de matérias jornalísticas. Sendo assim, por entender que a iniciativa seja um caso diferenciado na região de Criciúma do uso dos meios de comunicação para fins socioeducativos, optou-se por pesquisá-lo.

Informações sobre a evolução do rádio enquanto ferramenta educativa ganham ênfase em obras de Eduardo Meditsch e Faraco (2008), Araújo (2008), Belloni (2009), Pimentel (1999), Consani (2007), Jung (2004), Tavares (1997), Otriwano (1985) e Ferraretto (2001). No que se refere aos estudos sobre educação, trabalha-se também com

Gadotti (1992; 2005), Saviani (2007); e Freire (1979; 1980; 1983; 1985 e Betto; 1987; 1989; 1996; 2001), entre outros nomes importantes que discutiram ao longo do tempo a educação fora da sala de aula convencional.

No segundo capítulo, Rádio, Comunicação e Educação: aproximações histórico-conceituais, será apresentada uma breve história do surgimento do rádio enquanto veículo, o papel do radioeducativo no país e a contribuição do inventor do veículo e defensor da educação pelas ondas sonoras, Edgar Roquette-Pinto. Também fará parte do trabalho a relação entre a comunicação, a educação e suas implicações para o desenvolvimento de processos de emancipação humana.

No capítulo três será tratada a educação em espaços não-formais de educação. Neste espaço, a questão da apropriação e construção de conhecimento em locais fora da sala de aula é o tema principal. A importância destes espaços em processos de conscientização de sujeitos em privação de liberdade, bem como a contribuição do rádio como ferramenta educativa nos processos de ressocialização de adolescentes infratores, numa perspectiva da Educação Libertadora de Paulo Freire, também será analisada neste momento do estudo.

Na sequência, o capítulo quatro da pesquisa abordará o estudo de caso. O projeto Comunicasom será contextualizado, sendo esta contextualização obtida através de entrevistas, análise audiodocumental e, à luz da teoria de uma pedagogia libertadora, confrontados para uma melhor compreensão do processo emancipatório vivido pelos meninos do Casep de Criciúma.

2 RÁDIO COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES HISTÓRICO-CONCEITUAIS

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos da evolução e o surgimento do rádio no Brasil, da participação de Edgar Roquette-Pinto na invenção do veículo e o incentivo da comunicação nos processos educacionais brasileiros. Pretende-se localizar num breve contexto histórico-conceitual a relação entre o rádio, enquanto veículo comunicativo, com a questão da educação. Podemos dizer que existe uma relação muito próxima entre a educação e a comunicação, quando se pensa no processo de formação e emancipação humana.

Num primeiro momento, apresenta-se um breve contexto histórico-conceitual do rádio, enquanto um veículo comunicativo de intensa contribuição no desenvolvimento social e político, de modo particular, no Brasil. Em seguida, apresentamos Roquette-Pinto, como um grande incentivador da relação do rádio com os processos educativos, e o quanto a sua trajetória contribuiu para o desenvolvimento de processos educacionais através do veículo comunicativo, o rádio. Por fim, discorre-se sobre a relação entre a educação e a comunicação no contexto atual e suas implicações para o desenvolvimento de processos de emancipação humana¹.

2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-CONCEITUAL DO RÁDIO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Não se imagina mais a sociedade sem a ação direta dos meios de comunicação na vida cotidiana das pessoas. Mesmo os veículos mais antigos, como o jornal impresso e o rádio, seguem fazendo parte da rotina em que vivemos. O rádio, mais especificamente, continua cumprindo seu papel de informar e entreter mesmo anos depois de sua criação. Além disso, este meio segue com características próprias que o

¹ Trataremos de emancipação no conceito do pedagogo Paulo Freire mais adiante, que aborda a emancipação como humanização do oprimido e superação dos seus posicionamentos históricos. Essa abordagem educativa com uma concepção filosófica permeia um sentido de emancipação humana, reafirmando uma concepção de educação capaz de construir no ser humano a sua humanidade plena, quando ele deixa de estar numa condição de oprimido e passa a fazer uma leitura de mundo diferente, com indagações e reflexões próprias (AMBROSINI, 2012).

diferem dos demais veículos e ratificam seu caráter de transmitir qualquer fato da forma mais ágil e fácil.

A tecnologia do rádiomuito se parece com a da telefonia. Possui audiência ampla e tem características peculiares, como a mobilidade e a instantaneidade, feito que a internet ainda não alcançou em detrimento das pendências tecnológicas que esbarram no meio. Limitações estas que ainda não conseguiram ser sanadas, como por exemplo, a dificuldade de conexão em certas áreas ou ainda equipamentos modernos, mas que dependem de baterias com capacidade limítrofe, diferente do rádio, que pode ser ouvido em um aparelhinho modesto a pilha.

Através da emissão de ondas eletromagnéticas, o rádio garante a transmissão de som a distância. É o veículo capaz de informar algo no momento em que ocorre, diferentemente da televisão, que para transmitir algo necessita de aparatos tecnológicos que dificultam a rapidez da informação. O mesmo ocorre com o jornal impresso, que ao noticiar determinado fato veiculado numa emissora de rádio irá tratar do assunto somente no dia seguinte.

Além destas características, o rádio é o veículo com maior capacidade de despertar a imaginação de quem ouve a mensagem. Isso porque ele é uma mídia onde não há a utilização de imagens, há somente o recurso sonoro. “A ausência do contato visual leva a uma série de alternativas sonoras para decodificação da mensagem. Resulta daí que a base para recepção seja o sentido da audição como, em nível menor - por não ser o único elemento presente -, a fala é a base da transmissão” (FERRARETTO, 2001, p. 26).

A radiodifusão assumiu ao longo de sua história dois importantes papéis: formar e informar cidadãos. Desta forma ressalta-se a função social que o radiojornalismo exerce diante do público ouvinte até nos dias atuais. As primeiras transmissões radiofônicas no Brasil demonstram a afinidade entre o rádio e a educação, como também o quanto, mesmo com o passar dos anos, eles ainda podem caminhar juntos.

O rádio chega ao Brasil em 6 de abril de 1919 com a Rádio Clube de Pernambuco. A fundação da emissora foi de Oscar Moreira Pinto. A data não é considerada oficialmente como a primeira transmissão brasileira porque naquela época não havia aparelhos receptores para que a população pudesse acompanhar as falas por meio de ondas sonoras (FERRARETTO, 2001).

A primeira transmissão radiofônica oficial brasileira foi de cunho político. Em 1922, durante Exposição Internacional do Rio de Janeiro², em comemoração ao Centenário da Independência do país, o presidente na época, Epitácio Pessoa, discursou para a população presente e para os pouco mais de 80 aparelhos de rádio existentes no Brasil naquele momento. Além da fala do presidente da República, a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, também chegava aos ouvidos de quem acompanhava aquele momento histórico.

Porém, um ano depois que a primeira emissora brasileira nasceu, em 20 de abril de 1923, surgia a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Pelas mãos de Edgar Roquette-Pinto, a nova emissora surge com o objetivo de se tornar um agente transformador da sociedade. O antropólogo e médico criou o veículo para que ele fosse educativo. (FERRARETTO, 2001)

Ainda na primeira fase do Governo Vargas foi instalada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A emissora veio como forma de representar a integração do povo brasileiro, devido ao grande alcance que suas programações atingiram em termos de audiência por todo o país. Era a maneira de homogeneizar o país. Através das ondas da emissora, programas musicais e de humor modernizavam, de forma homogênea, o veículo e lhe traziam um caráter ainda mais cultural. Pelo menos essa era a vontade de Roquette-Pinto.

No entanto, o sonho de tornar o rádio um veículo educativo esbarrou na ação de implantar uma emissora com tais fins, já que o acesso era para poucos. Pouquíssima gente possuía recursos financeiros suficientes para adquirir um aparelho de radiodifusão. Somente a elite carioca poderia importar o aparelho e acompanhar as transmissões educativas elaboradas por Roquette-Pinto, que iam desde músicas clássicas e eruditas às aulas de inglês, espanhol e outros idiomas (ORTRIWANO, 1985).

Segundo Ortriwano (1985), além da dificuldade de importação de aparelhos, o rádio era caro até em suas transmissões. As ondas da época se dirigiam aos que pudessem pagar pelas mensalidades cobradas, ao modelo de rádio clubes, situação que vinha de encontro ao que desejava seu criador. Portanto, nasceu como um empreendimento de intelectuais

² A Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil foi o maior evento republicano do início do século XX. Visitantes brasileiros e de todo mundo foram atraídos ao evento, organizado pelas elites nacionais como espécie de vitrine para exibir os avanços do país do ponto de vista industrial, econômico e social (SANT'ANA, 2008).

e cientistas e suas finalidades eram basicamente culturais, educativas e de prestação de serviços, como o envio de recados e mensagens aos ouvintes.

A propagação das ondas do rádio como algo massivo começa a partir da década de 1930, no Governo de Getúlio Vargas, quando o rádio começa a ganhar espaço no cenário nacional. Com a autorização da publicidade nos veículos, a programação da época começou a ser comercializada, dando viabilidade ao novo invento. E foi graças a este período que ídolos foram criados e o rádio passou a viver a sua “Época de Ouro”.

Com a regulamentação de decretos governamentais, as emissoras foram autorizadas a veicular publicidade em sua programação. Assim, recursos eram capturados e reinvestidos em uma programação mais popular, visando a uma audiência que inseria os próprios anunciantes, formando um ciclo capitalista na atração de novos investimentos. Valores da pátria estavam no auge durante esta época, sentimentos nacionalistas pregavam um país com orgulho de si mesmo e que gostaria de esquecer que um dia dependeu economicamente de outras nações. A ideia era valorizar e consolidar uma cultura nacional. (MOSTARO, 2010)

Além das propagandas, foi na década de 1930 que o rádio cumpre um outro papel importante em sua trajetória de mais de nove décadas. O meio era usado como ferramenta ideológica. O interesse de Vargas na popularização do rádio não era em vão. Inspirado no estilo norte-americano de populismo foi por meio do veículo radiofônico que o presidente ficou cada vez mais conhecido no país. Getúlio Vargas, na verdade, foi um incentivador do veículo, mas também foi um intenso controlador do sistema de radiodifusão no Brasil.

Em 1º de maio de 1937, Getúlio Vargas enviou uma mensagem ao Congresso Nacional na qual enfatizava a necessidade de ampliar a radiodifusão no Brasil. Conforme suas orientações, o rádio deveria estar presente mesmo nas pequenas comunidades, sendo necessária a instalação de aparelhos radiorreceptores providos de alto-falantes, em condições de proporcionar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo ou idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda a sorte

de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação. (CÉSAR, 2009, p.54)

De acordo com Ferraretto (2001, p. 102), durante a Revolução Constitucionalista³, em julho de 1932, o rádio é utilizado ainda com mais ênfase para questões de cunho político estratégico. Para os revolucionários de 30, o veículo servia para consolidar uma unidade nacional necessária à modernização do país e para reforçar a conciliação entre as diversas classes sociais (FERRARETTO, 2001).

Logo em seguida, em 1935, o Governo cria o programa “A Hora do Brasil”, transmitido até os dias atuais, intitulado “A Voz do Brasil”. Inicialmente o programa transmitia pronunciamentos oficiais e música popular. A intenção da criação do programa era divulgar as realizações do governo à época. Vargas conseguiu feitos inéditos com o auxílio das ondas do rádio. O país vivia em clima de perseguição política constante.

Em 1935, depois de sufocar a Intentona Comunista, o governo havia posto na ilegalidade a principal força de oposição, a Aliança Nacional Libertadora, de esquerda. Acenando com o perigo vermelho, embora o principal líder do PCB, Luiz Carlos Prestes, estivesse preso desde o ano anterior, o governo denuncia em 30 de setembro de 1937, na Hora do Brasil, um inexistente Plano Cohen, pretensamente preparado pelos comunistas para tomar o poder. No dia 10 de novembro, após a criação de todo um clima fictício de ameaça às instituições e de necessidade de um endurecimento do governo, o país passa a viver o Estado Novo (FERRARETTO, 2001, p.108).

Com a chegada do regime ditatorial o programa criado por Vargas, “A Hora do Brasil”, passa a ser obrigatório e sua transmissão

³ A Revolução Constitucionalista de 1932 foi uma reação imediata aos novos rumos tomados pelo cenário político nacional contrária ao comando do presidente Getúlio Vargas. Os novos representantes estabelecidos no poder, alegando dar fim à hegemonia das oligarquias, decidiram extinguir o Congresso Nacional e os deputados das assembleias estaduais. No lugar das antigas personalidades políticas, delegados e interventores foram nomeados com o aval do presidente da República (SOUSA, 2009).

precisava ocorrer em todas as emissoras do país. A programação radiofônica passa por censura. Assuntos como reivindicações trabalhistas, greves, organizações estudantis, estavam proibidas de ser veiculadas nas rádios brasileiras. O início da utilização dos comerciais mudou a cara do rádio que se fazia naquela época.

O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação (ORTRIWANO, 1985, p.15).

Anos depois, começa a ganhar espaço nas ondas sonoras o jornalismo de rádio. Seu marco principal foi o noticiário *Repórter Esso*. Em 1941 nascia o primeiro jornal transmitido via rádio no país. O programa cumpria o objetivo do rádio que, segundo Chantler e Harris (1992), é comunicar e informar o ouvinte. Foi por meio do *Repórter Esso* que o radiojornalismo fidelizou o ouvinte. No lugar de apenas ler notícias dos jornais, os locutores passaram a escrever para o novo veículo, dando um novo formato para os jornais radiofônicos da época.

Também na década de 1940 inicia-se os tempos áureos do rádio no Brasil, marcados pelos programas de auditório que revelaram grandes nomes da música brasileira, além das radionovelas e dos famosos jingles comerciais. Época esta que termina com o surgimento de um novo meio, a televisão.

Com o advento televisivo surgindo ainda na metade dos anos 50, o rádio passa por uma crise, logo após viver anos dourados. Era preciso repaginar o veículo. Ortriwano (1985) recorda que o principal motivo para a mudança do se fazer rádio naquela época foi a ação dos donos de televisão em conquistar o público radio-ouvinte. Verbas de publicidade, atores, cantores, técnicos de som foram levados para trabalhar no novo veículo, deixando o rádio carente e com necessidade de mudança radical.

Foi assim que o veículo midiático sonoro começou a se enquadrar em um perfil de programação mais econômico, por isso migrou para programas baseados nos serviços de utilidade pública e prestação de serviço. A ideia era torná-lo mais regional, atingindo um público diferente do universo televisivo. Características marcantes ainda no

rádio atual.

Mesmo com tantas fases e necessidade de mudanças ao longo dos anos, o rádio segue firme como veículo de comunicação de massa. Com características marcantes, como a mobilidade, portabilidade, baixo custo dos aparelhos, é fácil encontrar um radinho a pilha nos lares brasileiros. Agora, o dilema no qual vive o veículo atualmente é de que forma ele poderá se manter com o advento da internet, já que a agilidade das ondas também é encontrada na web.

No entanto, quem estuda os fenômenos radiofônicos garante que o veículo seguirá firme, mesmo neste mundo de democratização da informação que é o da internet.

O rádio é o veículo que mais se beneficiou com a internet. Aumentou o alcance e proporciona facilidades, à medida que o som “baixa” com maior rapidez se comparado à imagem, além de não exigir a atenção do internauta que, enquanto ouve o programa, pode continuar navegando. (JUNG, 2004, p. 66)

Atualmente, a internet tem sido utilizada em parceria com outros meios para uma maior abrangência do conteúdo radiofônico. Mais um sinal de que o veículo, mesmo que com tantas mudanças, segue firme em seu propósito de informar cidadãos com agilidade e mobilidade. O que se procura agora é deixar o rádio ainda mais atrativo no que diz respeito à qualidade sonora.

2.2 EDGAR ROQUETTE-PINTO E O RADIOEDUCATIVO

O empenho no desenvolvimento do que viria a ser a tecnologia do rádio e a tentativa permanente pela difusão da educação pelas ondas radiofônicas, encarnam na figura do médico e antropólogo brasileiro Edgar Roquette-Pinto, considerado como o *pai do rádio no Brasil*. Entusiasta em defender a difusão de conhecimento por meio das ondas sonoras, foi um profundo impulsionador da ideia que viria ser o estudo à distância. Convivendo nos círculos de cientistas, poetas e intelectuais, semeou o ideal de compartilhar o ensino para com os mais humildes, e ao ver o potencial do novo veículo que fez nascer no Brasil, logo estabeleceu uma direta relação entre a educação e as ondas sonoras.

No campo da comunicação, Roquette-Pinto fez mais do que

transmitir notícias e músicas na primeira emissora do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por ele. Com o lema *O rádio é a escola dos que não têm escola*, Roquette-Pinto iniciou as transmissões em solo brasileiro com um caráter educativo, ou seja, a primeira rádio do Brasil nasceu com cunho voltado à educação e à cultura. “Roquette-Pinto era, acima de tudo, um brasileiro comprometido com a educação e viu naquela nova tecnologia de comunicação, o rádio, um instrumento decisivo para levar informação e conhecimento a crianças e jovens de todo o país”. (CÉSAR, 2009, p. 47).

Para dar início ao processo de comunicação educativa no país, Roquette-Pinto teve o apoio dos intelectuais da Academia Brasileira de Ciências. A própria Academia teve grande participação nos primórdios da programação. Música e informação compunham parcela significativa do que era transmitido com produção, textos e apresentação dos próprios cientistas, acadêmicos engajados com Roquette-Pinto. O fundador, por sua vez, acordava às cinco da manhã, lia os jornais cariocas e, com anotações à mão, narrava a partir das sete horas as notícias na Rádio Sociedade e fazia seus comentários.

Roquette-Pinto foi um dos colaboradores do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932*⁴. No entanto, seus ideais esbarraram em uma realidade da época. Somente quem tivesse como arcar com mensalidades e pudesse adquirir um receptor, considerado caro para a época, poderia ter acesso à programação. Conforme Ferraretto (2001), pouco mais de um terço da população tinha o aparelho na década de 1920.

Desta forma, as ideias do “pai do rádio” ainda ficavam entre as classes mais favorecidas do país. O slogan da Rádio Sociedade evidenciava a função do veículo: *Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil*. O médico era enfático ao definir o rádio da época.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o

⁴ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi uma iniciativa da Associação Brasileira de Educação. Os ideais sugeridos na proposta consolidavam a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbravam a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. O Manifesto foi redigido por Fernando de Azevedo, com o apoio de 26 intelectuais da época que lutavam por uma educação mais justa e melhor (FREITAS, 2005).

divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e sobretudo elevado. (TAVARES, 1997, pág. 8).

A vontade de Roquette era educar o país por meio da cultura do progresso, em uma espécie de projeto civilizador⁵, que pudesse auxiliar no crescimento e no desenvolvimento do Brasil à época. Tentando “elevar” a cultura do povo pelas ondas, Roquette-Pinto acreditava que a educação era a forma mais eficaz de salvar os “ignorantes” país afora.

Roquette-Pinto entendia que a educação era um “remédio” capaz de salvar o país e promover o progresso. Como típico intelectual de sua época, acreditava pertencer à vanguarda responsável por isso, contribuindo para a construção da nação. Mas, por considerar que o Brasil ainda não tinha um “povo” – que ainda estaria por ser “construído” -, desejava acelerar esse processo com a educação [...]. No seu parâmetro de educação, o “povo” deveria ser preparado para a ciência, para cultura e para as artes. Sua ideia era levar aos quatro cantos do país os conhecimentos capazes de fazer o Homem transformar a Natureza [...] (GILIOLI, 2008, p.126)

A citação faz referência ao modelo de educação proposto por Roquette-Pinto por meio das ondas do rádio. Convivendo nos círculos culturais da década de 1920, as transmissões radiofônicas acabaram por atingir uma parcela nem tão grande da população como se esperava. Com uma programação elitista e educativa-cultural⁶, o rádio da época

⁵ Importante frisar que não se quer com esta pesquisa aprofundar os conceitos ideológicos adotados pelo médico Edgar Roquette-Pinto. Este breve contexto se faz necessário para compreender melhor o surgimento do rádio enquanto veículo e também como ferramenta educativa.

⁶ O estilo escolhido por Roquette-Pinto para estampar boa parte da programação da primeira emissora brasileira era o erudito, numa tentativa de se sobrepor aos gêneros populares urbanos como forma de “melhorar” o gosto estético dos

apostou em músicas eruditas e lições de idiomas como grego, francês e o inglês, atraindo, um público seletivo de ouvintes.

Iniciava-se ali a história do rádio educativo brasileiro, que se confundiria profundamente com a própria história da radiodifusão em nosso país. [...] As transmissões educativas eram a base da programação da Emissora e a música erudita também tinha um papel de destaque na programação, com os próprios sócios levando seus discos, muitas vezes raros, para serem tocados (PIMENTEL, 1999, p. 24)

A afirmação é reforçada por Consani (2007), ao dizer que as ideias do pai do rádio ainda ficavam entre as classes mais favorecidas do país.

O problema em si pode ser delimitado na situação do Brasil à época, quando pouquíssimas pessoas dispunham, efetivamente, de condições para usufruir do novo meio de comunicação. Dessa maneira, quem - ao menos em tese - tinha acesso à cultura encontraria mais um canal para obtê-la, ao passo que os excluídos continuariam na indigência. (CONSANI, 2007, p.33)

Em 1936, Edgar Roquette-Pinto, com dificuldades de manter financeiramente uma emissora, resolve doar a rádio para o Ministério da Educação e Saúde do Governo Getúlio Vargas. De acordo com Pimentel (2004), o fator determinante para a doação foi a exigência do governo federal em aumentar a potência dos transmissores de todas as emissoras do Brasil.

Roquette-Pinto doa então a Rádio Sociedade, nascendo assim a Rádio Ministério da Educação e Cultura (Rádio MEC) sob algumas exigências, como por exemplo que ela não tivesse fins comerciais e que não colocasse na programação transmissões políticas ou religiosas.

O professor Edgar Roquette-Pinto escreveu

ouvintes. Características da radiodifusão educativa-cultural são ampliadas por Gilioli (2008).

uma carta ao ministro Dr. Capanema explicando que a Rádio não estava sendo entregue ao Governo Brasileiro, mas sim à educação do Brasil. Após as necessárias explicações, o governo concordou com as exigências do Professor Edgar Roquette-Pinto e, em 7 de setembro de 1936, a PRA-2 foi entregue solenemente ao Ministério da Educação e Cultura. O Professor Roquette-Pinto, emocionado, pronunciou as seguintes palavras: -“*Entrego esta rádio com a mesma emoção que se casa uma filha*” (PIMENTEL, 2004, p. 6).

Um ano depois da doação da Rádio Sociedade é instituído o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), criado para a elaboração de programas de caráter educativo. A lei obrigava as emissoras a transmitir diariamente pelo menos dez minutos de programação educativa. Deste ato, surge a PRA-2 - Rádio Ministério da Educação.

2.2.1 A rádio MEC, o Minerva e o MEB: experiências educacionais

A Rádio MEC está diretamente ligada à exigência de aumento da potência dos transmissores de rádio feita pelo Governo Federal. Como Roquette-Pinto não tinha recursos para investir, resolveu fazer a doação ao Ministério da Educação. O veículo seguiu a linha da educação e manteve a tendência de apresentar grandes momentos da poesia, da música brasileira, bem como recitais de poetas como Cecília Meirelles, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro diretor da Rádio MEC foi o próprio Edgar Roquette-Pinto, que definiu uma programação que seguia a linha educativa proposta pela emissora de sua criação. Por meio da emissora, era possível ter aulas de Esperanto, Italiano, Português, Francês, Inglês, História Natural, Física, Química, tudo graças à radioescola. A ideia de Roquette era ultrapassar as fronteiras geográficas do Brasil e levar educação a todos os locais país afora (COSTA, 2003).

Músicas de concertos eram transmitidas regularmente na emissora. No entanto, de acordo com Pimentel (1999), o uso da emissora não foi de muito proveito nos primeiros anos de transferência para o Ministério da Educação. Com verba bastante limitada, a infraestrutura da época deixava a desejar. Até 1941, o transmissor usado

na Rádio MEC era o mesmo usado na Rádio Sociedade, com apenas 2 KWs.

Só foi substituído por um mais potente, de 25 Kws, no final de 42. Em fevereiro de 1943, o Regimento do SRE foi aprovado pelo Decreto nº 11.491, que, de acordo com a política de educação do país, fixava a finalidade do Serviço, a saber: a orientação da radiodifusão como auxílio à educação e ao ensino, através da irradiação de programas científicos, literários e artísticos de caráter educativo. (PIMENTEL, 1999, p. 33)

Em relação à programação, Pimentel (1999) destaca que o grande problema dos programas veiculados na emissora era a falta de regionalismo, ou seja, as programas não respeitavam questões regionais como forma de falar, cultura local e outras particularidades. A programação deveria estar vinculada com a população e a região do Brasil a ser transmitida. Porém, não era o que ocorria, fazendo com o veículo perdesse cada vez mais ouvintes.

Mesmo sem Roquette-Pinto necessariamente liderando o processo da educação via rádio no país (em virtude da doação ao Ministério da Educação), a tendência de fazer ensino a distância por meio da radiodifusão e da TV continuou se propagando.

Em 1970 foi lançada uma programação educativa e cultural, nas emissoras de rádio de todo o país. Através do “Projeto Minerva”, uma homenagem à Deusa da Sabedoria, a escola passou a ir até o aluno, ao invés do aluno ir até a escola. A proposta do Minerva, programa obrigatório veiculado em cadeia nacional cinco horas por dia, era fortalecer a propagação da educação por meio da radiodifusão, dando os primeiros passos do ensino a distância no Brasil.

A ideia era complementar os sistemas educativos tradicionais, promovendo a transmissão do conteúdo dos cursos supletivos voltados a adolescentes e adultos e à educação continuada. Podia abranger qualquer nível de escolaridade, divulgação ou orientação educacional pedagógica e profissional. Os programas eram produzidos e veiculados para as diferentes regiões brasileiras. Consani (2007) explica que a falta de resultados fez com que o projeto não desse certo.

Na verdade, segundo Consani (2007), heterogeneidade dos conteúdos distribuídos nas várias regiões do país fazia com que o

projeto ficasse amplo demais, perdendo questões importantes do regionalismo de cada comunidade. No entanto, é importante ressaltar que mesmo findando os trabalhos do Projeto Minerva nos anos de 1980, a proposta alcançou parte dos objetivos anos antes. Afinal, milhares de pessoas realizaram seus estudos do ensino básico por meio do projeto. Com a intenção de suprir as necessidades da população com dificuldades de acesso à educação, o Minerva garantia estudo a estas pessoas excluídas. Por meio da proposta, o Governo tentava diminuir os índices de analfabetismo no Brasil.

O Minerva assumiu um claro contorno de “ensino à distância”, na medida em que assumia uma função de suplência do Ensino Fundamental. Ele chegou a atingir parte de seu objetivo, mas não foi muito longe. O projeto foi descontinuado no começo da década de 1980, pela escassez de resultados concretos mensuráveis. (CONSANI, 2007, p.34)

O Minerva também tinha como função servir de complementação das atividades regulares do sistema oficial de ensino brasileiro. Porém, o Projeto Minerva foi concebido com ênfase na educação de adultos. O programa foi transmitido, em rede nacional, por várias emissoras de rádio e de televisão, visando à preparação de alunos para os exames supletivos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial, produzidos pela Fundação Padre Landell de Moura e pela Fundação Padre Anchieta.

Ele foi implementado como uma solução a curto prazo aos problemas de desenvolvimento do país, que tinha como cenário um período de crescimento econômico onde o pressuposto da educação era o de preparação de mão de obra, os cursos profissionalizantes. O Projeto Minerva foi mantido até o início dos anos 80, apesar das severas críticas e do baixo índice de aprovação (MENEZES; SANTOS, 2002).

As ideias de Roquette-Pinto também tiveram influência na criação do Movimento de Educação de Base (MEB)⁷, cuja preocupação

⁷ O Movimento de Educação de Base (MEB) era um projeto de alfabetização criado no início da década de 1960 com o rádio sendo utilizado como ferramenta educativa. O pensamento freiriano influenciou os trabalhos de educação popular, neste caso o MEB. Apesar das disparidades de orientações, os movimentos de cultura popular chegaram a trabalhar junto e seu resultado

era apoiar os primeiros passos da educação de jovens e adultos, também por meio das escolas-radiofônicas. Desde que foi criado, o MEB se destacou pela divulgação do conhecimento nas camadas mais populares do Brasil. Pimentel (2004, p. 43) complementa afirmando que o MEB foi “uma experiência não-formal na área de educação à distância, que obteve resultados positivos, sendo desenvolvido pela Igreja Católica através de dioceses do Nordeste, a partir da criação de escolas radiofônicas”.

No final da década de 1960, o MEB deixou de lado a mensagem radiofônica partindo para as animações culturais. Durante o período de ditadura, o movimento sofreu restrições drásticas e cortes financeiros. Mesmo assim, o Movimento de Educação foi a maior experiência de ensino à distância do Brasil, alfabetizando quase meio milhão de camponeses.

As iniciativas em prol do ensino a distância, mesmo contrariando alguns autores, deram tão certo que anos depois as ideias embrionárias do cientista e inventor do rádio no Brasil foram propagadas em outros projetos. Na década de 1980, o governo decide integrar as emissoras educativas de rádio e televisão. Foi então que em 1982 representantes de dez canais de TV e onze estações de rádio dão início ao Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa - SINRED.

Os serviços realizados pelo Sistema eram coordenados pela Fundação Roquette Pinto, entidade ligada com a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (FERRARETTO, 2001). A intenção do SINRED era possibilitar a transmissão em cadeia nacional de programas que propagassem as manifestações culturais de cada região brasileira, promovendo uma espécie de intercâmbio de informações e divulgando as produções das mais variadas regiões do Brasil.

Na década de 1990 o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa passa por reformulação e retoma transmissões culturais e educativas em 20 emissoras do país. A programação trazia programas jornalísticos e culturais de fatos nacionais e regionais. O objetivo era ir de encontro a outros projetos de educação pelo rádio que só transmitiam produções dos grandes centros do país. O fim do SINRED ocorreu em 1998 com a extinção da Fundação Roquette-Pinto.

Para Pimentel (2004, p. 86), o sistema não pode ser considerado uma grande experiência de ensino a distância, já que as transmissões não

final foi de intensa mobilização política, tanto nas cidades como nas zonas rurais, através da conscientização. (GOMES, 2002)

eram voltadas somente aos programas educativos, e sim ao jornalismo e à cultura. Atualmente, a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto – ACERP criou uma nova emissora via satélite, a MEC-SAT, para a transmissão dos programas da Rádio MEC. Porém, os programas são mais de entretenimento do que propriamente educativos.

O surgimento e a consolidação de emissoras educativas, pelo menos nos anos de 1980, foram respostas positivas às tentativas sucessivas e anteriores de Roquette-Pinto em tornar seu veículo exclusivamente voltado à educação. Segundo Ferraretto (2001), o pai do rádio muito contribuiu para a diferenciação das rádios comerciais para as de cunho cultural. Ele menciona que as emissoras educativas foram herdeiras das tentativas de Roquette em transformar a Rádio Sociedade em algo único e exclusivo de uso para o ensino.

Atualmente, a Rádio MEC, emissora que tanto guarda relatos históricos importantes do rádio educativo brasileiro, já não cumpre mais o mesmo papel. Depois que a emissora foi retirada do Ministério da Educação e passou a ser vinculada ao gabinete da Presidência da República, perdeu muito do cunho educativo e passou para o lado informativo e músicas nacionais. Amigos, familiares de Roquette-Pinto e amantes do rádio voltado ao ensino lutam nos últimos anos para que ela volte a fazer parte do Ministério e possa voltar a integrar a história cultural do Brasil.

2.3 O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

Como vimos anteriormente, o rádio teve uma importante trajetória de relação com a educação brasileira. Essa relação entre o rádio e a educação brasileira teve um papel de destaque na compreensão da função social desse veículo comunicativo. De um modo geral, os meios de comunicação têm papel fundamental no comportamento das pessoas, nas escolhas políticas e pode influenciar nos processos educativos atuais.

A mídia é capaz de interferir nos mais variados campos da sociedade; do político ao cultural, do social ao econômico. Por isso, as informações midiáticas deveriam estar aliadas à produção de conhecimento, particularmente quando o assunto é educação. No dizer de Freire, “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69).

Nesta afirmação, Freire enfatiza a necessidade do diálogo para uma educação libertadora. No rádio, mesmo com um diálogo

comprometido, onde nem sempre há a intervenção do receptor da mensagem, no caso o ouvinte, pode existir reflexão e, assim, produção de conhecimento. A partir do momento em que a mensagem é recebida pelo ouvinte, este sujeito, por meio da *reflexão sobre a ação*, constrói um tipo de saber que não pode ser desconsiderado como conhecimento.

É verdade que o diálogo proposto por Freire é feito em comunhão, no coletivo. No rádio enquanto ferramenta educativa, muitas vezes, este diálogo ocorre de forma diferenciada, porém, não se pode afirmar que não haja conversa entre as pessoas. No Comunicasom, por exemplo, antes de se definir o programa há um diálogo coletivo, o que não deixa de ser um processo relacional entre os meninos e o educador, entre eles mesmos e com o mundo.

Através desta reflexão interna, o sujeito interage pensamentos, chegando a conclusões próprias ou no mínimo problematizando aquilo que foi refletido. Esse diálogo pode acontecer apreendendo algo a respeito do tema dialogado. As reflexões internas podem fluir por já se ter participado de uma interação prévia, com o mundo, consigo e com os outros.

Paulo Freire (1979) afirma que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal; não está apenas no mundo, mas com o mundo. Assim, a comunicação pode ser vista como um componente do processo educativo.

Mesmo que neste processo o conhecimento não seja científico, ele auxilia na construção de um saber, não crítico, mas que não se pode desprezar como saber. Enquanto a consciência ingênua é simplista, superficial, massificadora e sem argumentos, a consciência crítica admite que a realidade é mutável, substitui explicações “básicas” por princípios autênticos de causalidade, está sempre disposta a rever, repele preconceitos, é inquieta, autêntica, democrática, indagadora, investigadora e dialógica (FREIRE, 1996).

A ideia de superar o senso comum neste processo educativo utilizando-se da comunicação, mas sem alcançar um conhecimento epistemológico, coaduna nos pressupostos do jornalista e professor de radiojornalismo Eduardo Meditsh, quando ele fala que o jornalismo, e também o rádio, podem fornecer informações para a construção de um novo saber.

O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os

outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. (MEDITSCH, 1997, p. 03)

Paulo Freire, mesmo não tendo os meios de comunicação como objeto de estudo, e sim as práticas educativas, compreendia a importância de união entre comunicação e educação para a transformação da sociedade. O autor deu importantes contribuições e conceitos utilizáveis até os dias de hoje quando o assunto é comunicação educativa, como por exemplo a necessidade da superação de uma realidade.

Comunicar-se é uma das formas de relacionar multiculturas e sujeitos singulares entre si, mas capazes de promoverem uma espécie de comunhão entre os seres em uma ação dialógica e problematizadora. É por meio deste processo e desta junção entre uma comunicação e uma educação questionadora que se consegue a formação de sujeitos críticos, capazes de agir e pensar de forma emancipada. Problematizar o real, o mundo, a realidade em si, é o que permite que sujeitos possam *des-velar* novos saberes.

Por isso que não somente a escola, mas espaços fora da sala de aula como os meios de comunicação, podem ser mediadores deste processo de emancipação de sujeitos. Daí a necessidade de veículos comprometidos não com uma comunicação do espetáculo ou de cunho somente comercial, mas uma mídia capaz de apresentar experiências oriundas da diversidade cultural deste país.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire condena a alienação que os veículos de comunicação de massa podem levar o público a viver. Para evitar tal fato, o educador pede uma leitura crítica do que é publicado nos meios e reflete: “Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, mas com uma consciência que precisa libertar-se” (FREIRE, 1987, p. 68).

Os veículos comunicativos podem ter papéis fundamentais na formação do pensar de cada cidadão. Cada vez mais os veículos midiáticos interpelam o público de uma forma que, muitas vezes, beira o

apelativo ou o comercial. No entanto, o pedagogo enfatiza a necessidade de uma leitura da realidade de forma reflexiva e com participação dos sujeitos. Quando o indivíduo participa deste processo de comunicação não somente como um receptor acrítico, ele é capaz de reorganizar a visão de si, do mundo e do outro, tornando-se um sujeito ativo dentro do processo comunicacional, o que é muito importante para que haja essa cultura do diálogo, tão defendida por Paulo Freire (ROSA e SILVA, 2010).

Isso não é diferente nas ondas do rádio. Este veículo de comunicação vem se modificando e transformando sua função educativa. Atualmente, programas específicos para o meio e/ou voltados à educação são raros nas emissoras país afora. No entanto, isso não quer dizer que o rádio deixou de educar, ele está em constante transformação, mas quando cumpre o papel ao qual foi designado, o de ser um prestador de serviço e de utilidade pública, o meio segue tendo um caráter educativo.

Utilizando-se unicamente da expressão sonora, o rádio tem na oralidade sua potencialidade. Por meio das ondas sonoras, diferentemente de outros meios, é capaz de despertar a imaginação acústica do ouvinte, permitindo que cada sujeito que o ouça elabore imagens.

Em sentido diferente daquele encontrado na televisão ou no cinema, o imaginário da recepção radiofônica é despertado na medida em que são estabelecidos nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários construir redes de imagens facultadas pelas sequências de palavras. (CITELLI, 2006, p.97)

As inquietações que o autor descreve já são curiosidades, não epistemológicas é bem verdade, mas que, segundo Freire (1980, p. 47), podem ser o início de um saber. “Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco. É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais”.

Este deveria ser o papel de uma comunicação educativa, despertar a produção de conhecimento no receptor da mensagem. Para Kaplún (1978, apud ARAÚJO, 2008), o rádio pode ser um importante meio para a propagação da comunicação educativa. A oralidade do rádio

é muito parecida com a contação de história, a qual ouvimos desde os primeiros anos de idade. Essa característica aponta o rádio como um veículo capaz de ser usado como ferramenta educativa nos processos de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, como também fora dela.

3 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS EM PAULO FREIRE

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
mudam o mundo” (Paulo Freire).*

Neste capítulo são discutidos os espaços educativos fora do ambiente escolar, como espaços também de apropriação e construção do conhecimento. Tem-se ter como referencial analítico a educação libertadora de Paulo Freire e possibilidades educativas, tais como os círculos de cultura, como expressões de uma educação libertadora, tendo em vista para análise, no próximo capítulo deste estudo de caso, o projeto Comunicasom.

Primeiramente quer-se discutir questões como conscientização e educação libertadora, termos enfatizados nas obras de Freire, e compreender de que forma a educação não formal contribui para o processo emancipatório. Num segundo momento quer-se discutir a formação (reinserção social) de adolescentes com restrição de liberdade – jovens apreendidos no Casp de Criciúma – que participam de projeto social em um processo de educação popular, utilizando o rádio.

3.1 FREIRE E A EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

Por meio das muitas relações do ser humano nos mais variados espaços sociais, sejam eles a escola ou fora dela, sujeitos constroem e se apropriam do conhecimento. Isso implica a possibilidade de construir um novo saber desde o núcleo familiar até o grande grupo, onde quer que se insira, passando pelas relações no ambiente escolar ou fora dele, no cotidiano, inclusive, por meio da comunicação.

Comunicação e educação, em muitos casos, podem caminhar juntas. Veículos comunicativos como o rádio foram criados e utilizados com a finalidade de educar, por isso o uso deste veículo como ferramenta educativa não é algo desconhecido.

Para o pedagogo Paulo Freire, a relação entre comunicação e educação na construção de conhecimento constitui-se num processo dialógico, que ocorre através das relações entre os seres com o mundo. Sendo assim, o homem é um ser de relações e não só de contatos. Ele não apenas está no mundo, mas com o mundo (FREIRE, 1987).

Importante frisar que Freire não referenciava a comunicação propriamente dita em suas obras, não tratava de veículos ou mídia. Ele

se ocupava em enfatizar a importância do ato de comunicar, o real significado no processo de ensino e aprendizagem. Na avaliação do pedagogo, o ato de se comunicar é o que transforma essencialmente os homens em sujeitos interlocutores, ou de relações (FREIRE, 1980).

O que o pedagogo defende neste ato de comunicar é que esta relação entre os interlocutores seja dialógica. Para ele, um processo de criação entre sujeitos deveria se basear em uma relação de diálogo que, como processo significativo, compartilhado por sujeitos iguais em uma relação também de igualdade, constitui um campo propício para a prática educativa. Prática esta que o educador intitulou de *Educação Libertadora*, voltada para que sujeitos transcendam de suas condições – neste caso a de oprimidos - para sujeitos libertos.

A defesa do autor foi por uma pedagogia voltada à libertação destes sujeitos por suas condições sociais. Libertar-se, neste contexto, significa criar uma consciência crítica e transformadora. Para Freire (1980), a partir da relação do sujeito com a realidade o ser humano dinamiza o seu mundo e humaniza-o. Cria, recria, problematiza e faz cultura por meio da educação, sem a transmissão de verdades ou certezas. Essa educação como prática da liberdade levanta problemas e suscita atitudes críticas.

A possibilidade humana de existir — forma acrescida de ser — mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje (FREIRE, 2001, p.10).

Transcender é superar e a superação aparece por meio desta problematização capaz de construir novos seres, que não mais são oprimidos, e sim humanizados. A pedagogia do oprimido de Freire constitui a pedagogia dos homens na luta por sua emancipação. “A origem da pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de libertação” (FIGUEIREDO, 2005, p.04).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987) dá destaque para o diálogo e a importância da liberdade dos indivíduos enquanto sujeitos. O pedagogo reforça a tese que é por meio de uma educação dialógica que os oprimidos terão a chance de deixar sua atual situação para tornar-se sujeitos, ou seres emancipados. “Não é no silêncio que os

homens se fazem, nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, pág.78).

Liberdade por meio da educação que também é defendida por Kant (1996). Para o filósofo, o homem precisa adquirir aquilo que o transforma em homem⁸. A finalidade da educação é justamente a realização desta liberdade através da liberdade do pensar de um lado, e do agir de outro, na ação-reflexão, citada também por Paulo Freire.

O pensamento kantiano é cercado pela defesa de liberdade e autonomia do ser como um complemento da razão. “Portanto todo o ser dotado de razão deve necessariamente agir sob a ideia de liberdade, se opondo à manipulação e à opressão” (ONGARO, 2011, p.18).

Essa composição kantiana pode se perceber no projeto freireano em sua educação libertadora. Característica marcante desta educação libertadora está na problematização, ou seja, o conhecimento não pode ser uma certeza ou uma verdade acabada, deve levantar questionamentos e gerar conflitos que levarão o sujeito à transformação.

Quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade, e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso, desalienante. (FREIRE, 1987, p.70)

Ongaro lembra que essa desalienação nada mais é que a libertação deste sujeito enquanto “ser humano”.

Freire reconhece no homem um ser que jamais será dominado ou domesticado, mas que tem uma ligação em sua essência com a libertação. No ato de discernir o motivo pelo qual existe e

⁸ Para Kant, somente por meio do saber, do esclarecimento, o homem pode tornar-se mais humano e, portanto, mais livre. Já para Paulo Freire significa a conscientização, transcender por meio da consciência crítica e daí poder se transformar em um ser livre.

não somente vive, o homem descobre sua temporalidade atingindo o ontem, reconhecendo o hoje e descobrindo o amanhã. (2008, p.16)

É descobrindo este papel enquanto ser com o mundo e não do mundo que sujeitos conseguem se emancipar. Emancipação que é construída por meio de um processo dialógico. O que isso significa? Significa que a educação é o meio de se chegar a essa libertação e transcendência dos sujeitos pelo diálogo.

E quando falamos em levar educação para os espaços educativos não precisa necessariamente ser o da escola, podem ser os mais variados possíveis. No caso deste estudo, o ambiente educativo é um Centro de Internação Provisória de jovens em conflito com a lei, que recebem semanalmente aulas socioeducativas e utilizam como ferramenta o rádio.

Para Paulo Freire a emancipação perpassa pela superação da contradição oprimido/opressor para criação de um novo sujeito em relação à liberdade, igualdade. O educador defende como processo humanizante uma educação que supere a alienação, sugira a mudança por meio da conscientização (FREIRE, 1979).

A Educação Libertadora do pedagogo Paulo Freire propõe-se a realizar este diálogo, esta interação entre sujeitos, fazendo com que indivíduos percebam que o mundo pode ser lido e transformado não somente por professores, mas também por camponeses, alunos, operários. A ideia é perceber que a construção do conhecimento dá-se por um processo.

Em *A importância do ato de ler* (1989), Freire relatou vivências de sua infância, mostrando que a leitura começa muito antes do contato com o texto propriamente dito. Para ele, a leitura não se restringe à decodificação pura da palavra escrita, não é findada com uma leitura literal do que está escrito. Pelo contrário, quando se lê um texto pressupõe-se uma prévia leitura do mundo. O entendimento depende do contexto no qual o leitor está inserido e de toda bagagem de experiências pessoais que traz consigo. Por isso dá-se em um processo.

Perceber o mundo é ter a chance de transpor. Para o pedagogo, lendo o mundo pode-se fazer uma leitura dos diversos discursos, sendo possível transformar-se. Por meio da sua concepção educativa, Freire apostava na libertação de sujeitos capazes de, pela educação, tornarem-se pessoas com consciência crítica dos problemas sociais, políticos e econômicos que os cercavam. O indivíduo que lê este mundo percebe a

si mesmo e o meio em uma relação dialógica, dinâmica e libertadora. "Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo" (FREIRE, 1989, p.15).

Assim, o conceito *palavramundo*, criado por Paulo Freire relacionado a essa relação dinâmica entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, remete à relação entre o real e a linguagem, sendo a comunicação o elemento fundamental de constituição da sociedade. Ele explica que, antes de aprender o sentido da linguagem na escola, por exemplo, o aluno aprende a relação dessa linguagem com o mundo.

3.2 EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Quando se fala em uma educação para a libertação deve-se pensar também em liberdade nos espaços de construção do conhecimento. Não somente a escola é capaz de educar. Os espaços não formais de educação são locais que utilizam espaços não convencionais para a prática pedagógica, como a escola ou universidades. Isso não significa que este tipo de educação não respeite certas "formalidades". Mesmo sendo mais difusa, menos burocrática, a educação em espaço não formal desempenha papel importante na produção e apropriação do conhecimento.

Diferenciando a educação nos espaços, Gadotti (2005, p.3) lembra que mesmo que os espaços possam variar toda educação é, de certa forma, educação formal. Isso porque sempre há intencionalidade, mesmo o cenário sendo diferente. "Trata-se de um conceito amplo, muito associado ao conceito de cultura". Gohn (2001) prefere aproximar a não-formalidade a um processo de formação para a cidadania, formação profissional ou organização em comunidades.

Paulo Freire (1996, p.50) ratifica a importância das experiências e vivências na formação do sujeito, extrapolando os bancos de sala de aula.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

Sendo um espaço com menos formalidades, os espaços não formais acabam dando mais flexibilidade a todo o processo educacional nestes cenários fora da sala de aula “convencional”. Esta forma de educação, sendo mais livre, não busca, necessariamente, a obtenção de diplomas ou certificados. Pimentel (1999, p. 14) ainda lembra que a avaliação não tem os mesmos propósitos e os resultados, geralmente, são vistos em mudanças apresentadas no indivíduo ou no grupo como um todo.

Uma das características reforçada neste modelo de educação é a necessidade de se conhecer a realidade do educando. Gohn (2001, p. 29) destaca essa importância quando diz que “na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais”.

Estrutura educativa defendida também por Saviani (2009), quando afirma que a educação formulada a partir dos interesses das classes populares acaba por gerar e valorizar novos mecanismos de recomposição de hegemonia como os meios de comunicação de massa e as tecnologias de ensino. Todavia, adverte o autor, podem passar a construir a ideia de educação permanente, sem rigor, levando até mesmo à destruição da escola.

A proposta de Saviani é valorizar a escola, mas sem ser indiferente às peculiaridades do ensino convencional, muito menos às pedagogias recentes, superando por incorporação a contribuição de ambas, fazendo uma metodologia mais eficaz, reforçando a tese de uma educação a serviço da transformação das relações de produção.

Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 2009 p.62)

Freire (1996) coloca que a luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana. Cita que devemos ter como foco o sujeito em si e sua trajetória, sensibilizando nosso olhar para olhá-los no que eles têm de mais radicalmente humano, captando-os como sujeitos de educação, de construção de saberes e valores.

É preciso “ler” a leitura de mundo que um grupo faz de seu contexto imediato e do maior que o seu é parte, e desafía-los numa leitura crítica da violência e das injustiças que caracterizam sua situação, para que se reconheçam agentes de transformação da própria vida e do mundo onde estão inseridos, capazes de lutar contra toda estrutura que negue a quem quer que seja o direito de ser cidadão. O reconhecimento das discriminações, das disparidades e privilégios no plano social, propicia também uma melhor compreensão das políticas assistencialistas que anestesiam consciências. (JOBIM; OLIVEIRA, 2007, p.321)

Freire, ao criar uma pedagogia própria, defendia essa educação mencionada pelas autoras e voltada aos oprimidos, uma educação popular, na qual contesta os formatos da educação tradicional e, porque não, formal. Esta contestação deu origem ao termo Educação Bancária⁹, tão combatida por Freire.

Esta educação popular surgiu no mundo com o intuito de “bater de frente” com o discurso de igualdade do Estado desde a Revolução Francesa. No Brasil, Freire defendeu uma educação aberta aos camponeses, indígenas, trabalhadores rurais, operários, homens excluídos do usufruto dos bens materiais e culturais produzidos socialmente.

⁹ Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987) descreve uma educação domesticadora, na qual intitula de “Bancária”. “Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. [...] Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julguem nada saber.

A educação popular submerge da compreensão de que a educação é um processo permanente de afirmação da condição do ser de sujeito histórico. Sua proposição fundamental constitui estimular processos que promovam a liberdade, emancipação, autonomia individual e coletiva. Essa perspectiva de educação se fundamenta no pensamento marxista, na concepção de Homem construtor da sua história e da sua cultura, enquanto ser da práxis. (FIGUEIREDO, 2005, p.11)

Firmado nos propósitos de concepção de mundo e de homem, o educador, para garantir um modelo de educação que pudesse romper com o sistema vigente, dedica-se à alfabetização de adultos e educação popular, que ele chamou de Círculos de Cultura. Para ele, as mudanças teriam que ser emergentes.

Paulo Freire explica os Círculos de Cultura em várias de suas obras. No livro *Educação como prática da liberdade* (Freire, 1983), dentro do capítulo intitulado “Educação e Conscientização”, o pedagogo cita o lançamento dos Círculos de Cultura e detalha as etapas do seu método de alfabetização de adultos.

Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo /quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 1983, p.103).

Com a explanação do educador, entende-se que os círculos freirianos são exemplos de espaços não formais de educação que priorizam a problematização, o diálogo e não centralizam o conhecimento. Cenários que se diferem do escolar, mas que

oportunizam a construção do conhecimento por meio das relações do homem com o mundo.

O Comunicasom, mesmo de forma involuntária, se enquadra em algumas das características dos Círculos de Cultura. Involuntária porque não há essa intenção explícita de referencial teórico usado durante as aulas, mas percebe-se a tentativa de se fazer das aulas um espaço onde a realidade de cada um tenha voz e vez para que possam transcender. Essas características serão elencadas com mais minúcia na sequência desta pesquisa.

3.3 EDUCAÇÃO POPULAR NO CENTRO DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO PROVISÓRIO (CASEP)

A Educação Popular, fundamentada no referencial freireano, é realizada por meio de processos de formação, com objetivos de transformar a realidade dos sujeitos criadores de sua história. O pensamento freireano sobre educação é de relevância inquestionável no país e no exterior. Lançou as bases de uma abordagem sociocultural na ação de problematizar e fundamentou método de alfabetização de adultos, mundialmente difundido (MIZUKAMI, 1986, p. 85-6, apud ZANOTTO; ROSE, 2003).

Educação que Brandão (1986) fala como algo institucionalizado para sujeitos que por algum motivo foram impossibilitados de passar pelo processo de alfabetização convencional, o que não deixa de ser algo excludente e fora do contexto formal da educação. O autor enfatiza que são utilizadas práticas pedagógicas e oferecidas aos excluídos prematuros da escola, ou seja, exclusão existente entre sujeitos à margem do sistema escolar e regular da educação,

Assim, outros modelos de educação existem para suprimir emergencialmente estas lacunas. Sujeitos, famílias, grupos e comunidades a quem a privação de condições de acesso aos benefícios sociais regulares impulsiona a procura de novos recursos.

Estamos em presença de atividades de educação popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculando a aquisição de um saber (que pode ser muito particular ou específico) com um projeto social transformador. A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de

libertação nas mãos do povo (BRANDÃO, 1986, p.68).

Em espaços não formais de educação, como citado anteriormente, utiliza-se meios não convencionais para a prática pedagógica, ou atividades educacionais realizadas fora do contexto formal, como a escola. Este modelo de educar enquadra-se muitas vezes no conceito de educação popular, como disse Brandão (1986), ao observar que ela existe quando há desigualdade de saber e o conhecimento é construído em conjunto entre educando e educador.

O problema de tal capacidade de ensinar por este tipo de educação é que ela não é vista como continuidade do ensino escolar, e sim algo extraescolar, que foge às regras do aprendizado “tradicional” e acaba sendo vista como continuidade e não como um complemento de uma educação formal. No entanto, é perceptível que se pode aprender fora de uma sala de aula.

O Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório de Criciúma (Casep) pode ser percebido como um exemplo disto. O Casep é um espaço não formal educativo. Meninos em conflito com a lei, que cometeram algum delito e necessitam, provisoriamente, de um local de ressocialização e oportunidade de melhoramento de sua condição perante a sociedade podem participar de oficinas das mais variadas áreas feitas dentro da instituição. Cursos estes mediados por educadores sociais ligados às áreas da música, dança, artes plásticas, trabalhos manuais, cursos profissionalizantes, oficina de rádio, entre outras modalidades administradas dentro do Centro.

Em 2013 as oficinas ofertadas são de violão, computação e *street dance*. A oficina de rádio não está sendo realizada no Casep porque neste momento ela ocorre no Presídio Santa Augusta e em colégios da região. O Comunicasom funcionou até meados de 2012 com os adolescentes internos. Por isso, este estudo vai avaliar produções realizadas em 2011 e 2012, fase de intenso funcionamento do projeto.

O Casep passou a se chamar assim em 2012. Anteriormente a nomenclatura que designava o local era CIP – Centro de Internamento Provisório. A mudança ocorreu somente no nome em decorrência de uma Reforma Administrativa no Governo do Estado. O CIP de Criciúma foi criado em 17 de junho de 1998, tendo iniciado suas atividades no dia 20 de julho de 1998. O Centro de Internamento Provisório tem por

finalidade internar provisoriamente, entre três dias e três anos, adolescentes de 12 a 18 anos, autores de ato infracional¹⁰.

Atualmente, encontram-se em restrição de liberdade no Casep de Criciúma 20 adolescentes, numa capacidade máxima de 20 jovens. Destes, muitos devem ficar poucos meses, outros podem ultrapassar um ano de reclusão, mesmo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) determinando que a detenção não passe dos três meses. A “pena” é decidida pela Justiça, que avalia idade, o tipo de ato infracional cometido e a incidência dos adolescentes menores de idade.

O Conselho Tutelar fica encarregado de zelar pelos cumprimentos destes direitos. Toda vez que os direitos dos meninos forem desrespeitados, o Conselho deve intervir e fazer com que a lei seja cumprida. O Casep está localizado no Bairro Vila Zuleima, em Criciúma, e é administrado desde 2010 pela Organização Não Governamental Multiplicando Talentos, responsável por realizar as oficinas no Centro, e mantido com recursos do Governo do Estado por meio da Secretaria de Cidadania e Justiça.

De acordo com a coordenadora técnica do Casep, Júlia Nuernberg¹¹, a instituição mantém jovens por mais tempo que o desejado porque há falta de vagas em Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE), não provisório, como no caso do Casep. O objetivo do Casep é afastar o adolescente do convívio sociofamiliar antes da sentença, em entidade destinada especificamente a este fim, pelo prazo máximo de 45 dias. Como não há vagas no CASE estadual, os garotos precisam ficar por mais tempo nos centros regionais.

As atividades culturais ofertadas no Casep são opcionais aos adolescentes. Somente o ensino regular é obrigatório, que utiliza a metodologia de ensino para jovens e adultos. De acordo com dados do Centro, aproximadamente 70% dos garotos participam dos cursos ofertados.

Entende-se que as oficinas de rádio do Casep têm papel importante na formação destes sujeitos que, após a reclusão, sairão da prisão e serão inseridos em outra realidade. Todas as atividades ajudam estes meninos a entender melhor a situação que os colocou lá. Como mencionamos anteriormente, iremos avaliar a oficina de rádio que ocorre por meio do projeto Comunicasom.

Por meio das ondas sonoras, os garotos passam a “colocar para fora” sentimentos, desejos e anseios daquilo que esperam encontrar

¹⁰ Informações do Site do Casep <http://cipcriciúma.blogspot.com.br>.

¹¹ Entrevista concedida à autora, via e-mail, em março de 2013.

depois que deixarem a reabilitação. Começam ainda lá dentro a fazer uma leitura do mundo em que estão ou do mundo que vão encontrar. A partir disso seria difícil conceber que os jovens, ao se expressarem no Comunicasom, apresentassem uma perspectiva negativa de si sem entregar a seus ouvintes um resultado final positivo, de reciclagem de vida e pensamentos em prol de um destino melhor, longe das mazelas que os levaram a estar ali, naquela condição de busca por uma recuperação.

Desta forma fica compreensível que espaços educacionais diferenciados da escola, mesmo que nem sempre aceitos, influenciam no modo de pensar e agir de educandos. Fica claro que a sala de aula não é o único espaço de aprendizagem dos sujeitos. No projeto socioeducativo da Justiça Federal, o Comunicasom, os alunos escolhem qual programação querem fazer para os colegas e quais informações são interessantes para o atual mundo destes meninos. Esta escolha autônoma pelos conteúdos por parte dos garotos demonstra uma intencionalidade em busca de algum tipo de conhecimento.

Quando falamos em Educação Popular dentro do Casep pensamos em um modelo educativo que possa auxiliar a construção de um saber em comunhão. Tarefa que não é das mais fáceis, levando-se em consideração que se trata de adolescentes privados de liberdade, pois, como vimos até o momento, Paulo Freire afirmava que educação pressupõe liberdade. Sendo assim, faz-se o questionamento: é possível educar para a libertação as pessoas privadas deste direito fundamental do ser humano? O que para Paulo Freire é a liberdade de “ser mais”.

Sim, é possível. Pelo menos é o que se pretende com a realização de atividades de educação dentro do Casep em seus diversos projetos. A ideia de utilizar uma concepção educativa capaz de despertar o interesse destes jovens tem atraído os meninos para atividades formativas diferentes, fazendo-os refletir e possibilitando-os a ampliação dos horizontes de perspectivas e buscando uma construção de conhecimento e de outras experiências ao saírem da detenção.

O projeto Comunicasom e as oficinas de rádio serão pesquisados por este estudo a fim de analisarmos se os jovens conseguem a emancipação com o uso da palavra e o significado de uma educação popular para esses garotos em privação de liberdade. Na sequência, fotos do Centro de Internamento Socioeducativo Provisório (Casep) onde as oficinas de rádio são realizadas.

Figura 1 – Casep de Criciúma está localizado no bairro Vila Zuleima



Fonte: Daniel Souza Paes

Figura 2 – Corredor e celas do Casep



Fonte: Daniel Souza Paes

4 O DIREITO À VOZ DE QUEM ESTÁ EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: OS SUJEITOS

O quarto capítulo é o espaço destinado à análise de dados deste estudo de caso. No decorrer desta parte do estudo, o funcionamento do projeto Comunicasom será contextualizado, sendo esta contextualização obtida através de entrevistas, análise documental.

Adolescentes infratores e educadores envolvidos na iniciativa foram ouvidos e, à luz de uma pedagogia libertadora, confrontados para uma melhor compreensão do processo emancipatório vivido pelos jovens em conflito com a lei. Optou-se por dividir este capítulo em três momentos: no primeiro se explica o projeto Comunicasom e seu papel de mediar as inter-relações dos jovens com o mundo; na sequência segue-se com o olhar de Daniel Paes, educador social e idealizador do projeto sobre o rádio e o processo ensino-aprendizagem; por fim com a análise dos áudios e entrevistas realizadas com os meninos selecionados participantes do projeto Comunicasom no período em que foi realizado o levantamento de dados.

4.1 O RÁDIO COMO FERRAMENTA EDUCATIVA: O COMUNICASOM

Como visto no primeiro capítulo desta pesquisa, o rádio tem estreita relação com a educação. Desde seu surgimento até os dias atuais, o veículo é utilizado como em processos educativos, sejam eles em atividade na sala de aula, ou mesmo fora dela. No Centro Socioeducativo Provisório de Criciúma (Casep) o rádio auxilia nas aulas dos internos da instituição por meio de oficinas específicas, numa aposta de que educação e comunicação podem contribuir na reconstrução do conhecimento e no melhor entendimento de cidadania.

O Comunicasom é um projeto de cunho socioeducativo da Justiça Federal em parceria com a Universidade do Extremo Sul Catarinense, que oportuniza aos adolescentes infratores do Centro Socioeducativo Provisório, o Casep de Criciúma, apreender novos saberes por meio do rádio.

De acordo com o idealizador do projeto e atual educador social do Comunicasom, Daniel Souza Paes (2009)¹², a iniciativa visa trabalhar com o potencial artístico dos reeducandos, trazendo temas da própria

¹² Texto de Daniel Souza Paes escrito em 2009 em seu blog. Disponível em <<http://www.blogger.com/profile/05456584134540436705>>

trajetória de vida dos internos, enquanto indivíduos e cidadãos, “visando à reinserção social, buscando assim prevenir a reincidência carcerária através de oficinas de áudio, informática e vídeo, desenvolvendo o raciocínio e a criatividade, através de formas alternativas de expressão, buscando despertar nos participantes o interesse pelos estudos, pela arte, pela cultura, bem como de algumas perspectivas de mercado de trabalho formal e informal”.

O projeto Comunicasom começou em 2001 como programa *Rap do bom*, com músicas do movimento *hip hop*, rap e elaborado dentro da antiga Fucabem. A ideia surgiu de Daniel, que já foi interno da fundação¹³. Na sequência, o programa passou a ser chamado de *Si pá, rola!*, abrindo a cobertura para mais expressões dos movimentos estudantis e não somente o hip hop. A intenção foi dar oportunidade de expressão, pelas ondas do rádio, aos meninos detidos pelo sistema carcerário na cidade de Criciúma. “O rádio dá a oportunidade de expressão, de ouvir o outro. Com essa proposta, de autoconhecimento, que levei o rádio para dentro da instituição de menores infratores”¹⁴.

O pensamento do educador social sobre o rádio como meio de autoconhecimento também é fortalecido nas afirmações de Balsebre (apud Meditsch 2008), quando cita que o rádio não é apenas um meio de comunicação difusor de informação, mas um espaço para expressão.

O rádio é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico, “produtor de sonhos para expectadores, perfeitamente despertos”. É um veículo que foi capaz de criar uma nova poesia: a poesia do espaço.

O projeto existe oficialmente desde o ano de 2002, e já passaram pelas oficinas propostas pelo educador aproximadamente quatro mil adolescentes, e até então a iniciativa era somente realizada de forma voluntária pelo atual educador, Daniel Souza Paes, que levava equipamentos em bairros da periferia de Criciúma, gravava depoimentos e na sequência apresentava aos adolescentes das comunidades visitadas.

Já no ano de 2009, uma parceria entre a Justiça Federal e a Unesc

¹³ Posteriormente falaremos mais desta parte da vida do educador.

¹⁴ Daniel Souza Paes. Entrevista concedida em fevereiro de 2013.

garantiu a continuidade e a manutenção do projeto Comunicasom. Antes disso, porém, o educador também participava como voluntário em programas da prefeitura de Criciúma, mas sem apoio para aquisição dos equipamentos necessários para a sua plena execução.

As aulas das oficinas ocorrem semanalmente e permitem a elaboração de programas informativos e musicais produzidos pelos detentos. A universidade por sua vez é responsável pelo salário do educador e a Justiça destina recursos para aquisição de equipamentos e manutenção da oficina.

Hoje em dia, as aulas do Comunicasom ocorrem no Presídio Santa Augusta e não mais no Centro de Atendimento Socioeducativo. Porém, esta pesquisa pretende avaliar o período de funcionamento do projeto no Casep, que foi realizado em 2011 e 2012. A iniciativa foi para o presídio como forma de pulverizar a oportunidade de se fazer rádio também aos apenados maiores de idade.

No Casep, a escolha de temas e a seleção musical dos programas produzidos lá dentro parte dos próprios adolescentes em restrição de liberdade. Os programas são livres e geralmente abordam questões sociais, por meio do *Hip Hop* ou da religião, acompanhados de entrevistas entre os garotos, leituras bíblicas e canções *gospel*. Essa autonomia na produção das peças radiofônicas acaba por envolver estes jovens em uma forte conjuntura psicológica, por se tratar da articulação da fala e da comunicação, envolvendo o íntimo dos participantes, mexendo com conceitos de família, fé e verdade. Logo, percebe-se que a comunicação desperta algum tipo de curiosidade, não somente para quem ouve, mas principalmente para quem comunica.

Durante a pesquisa, entendeu-se que mesmo a escolha pelo estilo musical ser algo autônomo, poderia o educador estar sugerindo os estilos ou limitando a escolha entre apenas dois ritmos: o *hip hop* e a música religiosa. No entanto, quando o professor foi questionado pela pesquisadora, garantiu que é uma escolha livre e os estilos não são impostos dentro do Comunicasom.

O Comunicasom não é tendencioso, não escolhe nada pra ninguém. O Comunicasom é um garimpo de sonhos. O sistema tira os sonhos das pessoas que tiveram sua essência destruída. E o Comunicasom identifica estes sonhos. Tanto que eles só participam quando querem. Teve um aluno meu que chegou e disse: eu gosto de poesia. Já temos mais de 16

poemas dele gravados. Se alguém quiser fazer samba, pagode, eu vou fazer e aquilo que eu não sei eu chamo outro professor¹⁵.

Ele ainda justifica o porquê da escolha dos garotos pelo *hip hop* e o *rap*.

É porque é a realidade deles. Eles não têm uma realidade de *camaro amarelo*¹⁶, não tem *boatezinha* nos fins de semana. Eles vivem uma realidade de tiros, de drogas. Então a escolha não é do Daniel. Os meninos se identificam com o hip hop.

O educador enfatiza a importância desta autonomia para a ressocialização dos autores de ato infracional do Casep. Além das canções, os jovens leem notícias e relatam situações de suas vidas pessoais. Para ele, é através da escolha do gênero de música, das histórias vivenciadas, e das informações veiculadas nos programas que os garotos começam a perceber o que acontece no mundo exterior, conhecendo assim um pouco mais sobre os acontecimentos da sociedade em geral na qual estavam inseridos e à qual retornarão.

A ressocialização acontece quando há o querer do outro. O projeto é só um instrumento neste processo. A minha ideia era dar oportunidade. Eu sei, que quando eu passei pelo sistema, e agora estou há 18 anos fazendo trabalho social, é porque me deram oportunidade. A palavra chave da vida é oportunidade¹⁷.

Esta livre escolha pelos conteúdos colabora na construção do conhecimento destes internos. Dentro deste conceito de autonomia, Gadotti (2005, p. 03) afirma que esta é extremamente importante para a formação de sujeitos independentes dentro de uma sociedade. Boa parte

¹⁵ Daniel Souza Paes. Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2013.

¹⁶ O entrevistado faz referência à música rodada nas principais rádios do país, que fala do veículo Camaro e de cor amarela, que pela letra o homem que o dirige consegue chamar a atenção das mulheres, diferente de quando possuía uma moto CG.

¹⁷ Daniel Souza Paes. Entrevista citada.

destes meninos escolhe relatar a sua história, sua experiência de vida antes de entrar na reclusão. Tudo isso exige, obviamente, um comportamento na fala e nas escolhas que esteja de acordo com o gosto particular de quem transmite, mas também com o socialmente responsável, moldando exemplos de conduta que vão pautar os novos homens que poderão nascer de um projeto de socialização alavancado por intermédio de microfones e exposição de personalidades e preferências.

Através da autonomia em criar seus programas, dá-se a estes adolescentes a oportunidade de pensarem enquanto sujeitos de suas histórias, e não apenas como objetos ou seres coadjuvantes de suas próprias vidas. Para isso, é preciso motivar e desafiar estes jovens para que, de forma crítica, percebam que o atual momento não é destino ou vontade divina, algo que não pode ser mudado, pelo contrário, pois o principal objetivo deste projeto é o de ampliar as possibilidades de vida após a saída do Casep. Por isso estes meninos ao usarem letras de música com protestos conseguem expressar indignação com a realidade e percebem que a situação atual não é algo individual.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996) dá destaque para esta liberdade dos indivíduos enquanto sujeitos. O pedagogo reforça que é por meio do diálogo que os oprimidos terão a chance de deixar sua atual situação para tornarem-se sujeitos, e isso não se dá no silêncio, mas sim por meio da reflexão e das suas ações decorrentes, num processo contínuo e dialógico.

Os adolescentes infratores, por meio das práticas de radiodifusão, adquirem conhecimento que pode ser útil para encarar a vida após meses de reclusão. Além das mensagens que falam de suas experiências, os demais, enquanto receptores, podem fazer uma leitura crítica do todo, fazendo assim surgir o referido processo de reflexão citado anteriormente por Freire.

Ainda dentro deste contexto, Araújo (2008, p. 04) afirma que por meio da fala, da comunicação em si, é possível refletir de maneira crítica sobre o real. “Quanto mais perceberem que podem falar, mais serão instigados a continuar falando e verão que a necessidade de comunicação é maior do que acessar a internet, é a necessidade de ser, de fazer-se e refazer-se pela problematização de sua fala, de seu contexto”.

É isso que os meninos fazem dentro do Comunicasom, contando suas histórias e projetando em suas falas um contexto já existente, mas também a possibilidade de um novo contexto. É dar voz aos garotos, sem porém lhes tirar a culpa por seus atos infracionais, tornando-os

sujeitos capazes de encarar novamente a realidade e transformá-la.

Por meio do relato do educador percebe-se que o Comunicasom se enquadra em um modelo de educação popular, e que, mesmo fora do contexto escolar, preocupa-se em pensar uma educação para libertação do sujeito. No entanto, percebe-se um paradoxo quando o assunto é a seleção dos garotos para as oficinas, pois sem perceber, durante a entrevista, o educador acaba esbarrando em uma questão central e contrária à liberdade proposta por Paulo Freire quando afirma que:

O efeito da oficina não acontece quando sai, é na hora. Ele para pra refletir com relação a oportunidade que a vida coloca pra ele. Ele tem uma oportunidade no sistema de participar de oficina que **não é pra qualquer um**. Ali ele vê que está sendo beneficiado, ele sai mais horas da cela para participar do projeto. **Só participa quem tem bom comportamento, então ele tem que aprender a ter bom comportamento**¹⁸.

O grifo é para dar destaque à parte da afirmação contrária à pedagogia libertadora. Quando Daniel afirma que a oficina não é para qualquer um, esbarra nas obras do educador Paulo Freire sobre opressão e liberdade. Para Freire (1987), o ensino nunca deve ser um processo de simples treinamento ou domesticação.

No segundo destaque dado por esta autora, o educador enfatiza que somente os “bem comportados” podem fazer parte do Comunicasom, mais um ponto que contradiz uma metodologia voltada para a libertação, afinal, o bem comportado poderia ser alguém sem voz e sem opinião própria sobre os fatos. Por que os meninos que não se comportam não podem participar das atividades? A decisão de limitar a participação parece um tanto excludente levando-se em conta que estes meninos não são comportados e por isso estão cumprindo pena em um Centro de Atendimento Socioeducativo.

O Comunicasom está realizando oficinas dentro do Presídio Santa Augusta, e segundo o educador os áudios coletados nas aulas do Casesp devem ser transformados em um documentário que será exibido em escolas públicas e privadas como forma de prevenção à violência juvenil. Além disso, a ideia principal é ampliar as oficinas para

¹⁸ Daniel Souza Paes. Entrevista citada.

aprendizados em vídeo e não somente em áudio, como funciona atualmente.

Figura 3 – Oficina de rádio do Comunicasom no Casep de Criciúma



Fonte: Da autora. Abril/2011

4.2 O OLHAR DE UM EDUCADOR POPULAR SOBRE O RÁDIO

O Comunicasom surgiu das mãos do atual educador social do projeto, Daniel Souza Paes. O início teve direta relação com sua trajetória de infrações e internação em abrigos para adolescentes. Com mais de 30 processos que incluíam expulsão em escolas por mau comportamento, perturbação da paz e agressões, Daniel teve uma adolescência conturbada e ligada ao crime. Não se orgulha por isso e lembra que muitas vezes eram os próprios pais quem registravam boletim de ocorrência na delegacia contra o filho.

Quando encaminhado para a internação em regime semiaberto encontrou pessoas dispostas a ajudá-lo. Aos 15 anos, o ex-interno fazia o ensino fundamental e à tarde frequentava a antiga Fucabem, hoje Casep, participando de atividades socioeducativas. À noite o jovem podia dormir em casa, mas na manhã seguinte a rotina era a mesma: escola-internato-casa. “A gente aprende a dar valor à liberdade”.

Foi com o auxílio das pessoas envolvidas no processo socioeducativo que Daniel percebeu que deveria mudar.

Sou fruto do sistema e tive uma oportunidade de melhorar no próprio sistema. Na instituição encontrei pessoas que se propuseram a me ajudar. Elas eram comprometidas comigo, mas comprometidas mesmo, de ligar toda semana pra saber como que o cara está, ir na minha casa. Eles me mostraram que ali não era o meu lugar e eu me convenci que não era mesmo¹⁹.

Estimulado por seus orientadores a participar no combate à violência juvenil, ele foi voluntário no projeto dos Narcóticos Anônimos. Também foi voluntário na Fazenda São Jorge, em Araranguá, espaço destinado a pessoas com dependência química. Com a experiência prática e a convivência com outros infratores, o educador foi adquirindo experiência que, garante, é sua maior “escola”. Os assistentes sociais que o atendiam aos 15 anos foram seus colegas de trabalho durante pelo menos seis anos.

Daniel se enquadra num perfil de educador popular se pensarmos em algumas vertentes de teóricos como Paulo Freire que defendem uma pedagogia para a liberdade. Levando em consideração a vivência pessoal com a experiência dos garotos do Casep, tenta oportunizar uma chance de poderem se expressar por meio do som, neste caso, do rádio. E quando dá a liberdade destes jovens de escolherem temas a serem tratados nos programas, o estilo musical, fica nítida que a ideia é fazer com que eles tragam a realidade que os cerca para o microfone, socializando relatos de vida nem sempre com finais felizes.

A ferramenta utilizada para executar o Comunicasom, o rádio, é entendida como adequada, já que muito mais que um meio de comunicação a radiofonia é uma forma de poder se expressar. Dentro desta perspectiva, as rádios utilizadas para fins educacionais apresentam uma proposta de construção de cidadania e formação, por meio da palavra.

Defensor do uso da palavra como forma de uma educação libertadora e acreditando que a igualdade social pode ser alcançada através da educação, Freire propõe o diálogo e o direito à voz para conduzir o indivíduo a um nível crítico capaz de emancipá-lo. Emancipação esta que pode ser entendida como humanização destes meninos que passam a ter a chance de problematizar o mundo e a situação que os colocou atrás das grades.

¹⁹ Daniel Souza Paes. Entrevista citada.

Mesmo tendo características de um educador comprometido com a construção do conhecimento, da valorização do diálogo, do histórico e da realidade destes garotos, Daniel esbarra quando o assunto é conhecimento teórico. Com apenas o antigo primeiro grau completo, hoje ensino fundamental, entende seu trabalho como algo diferenciado e o que aprendeu em pesquisas pessoais e vivências, e considera serem suficientes para o sucesso do Comunicasom.

O que eu faço é diferenciado, é único, ninguém faz. Não digo que não vou voltar a estudar um dia, mas agora não é o momento. Esse tempo eu utilizo pra pesquisar assuntos de interesse do Comunicasom, pesquiso muito mesmo, eu não teria tempo para pesquisa se estivesse estudando. **Meu trabalho de pesquisa é profundo, talvez mais que numa universidade**²⁰.

A postura do educador não corrobora com o comportamento de um pedagogo focado em pedagogias críticas. Na verdade, lapso ou não, o professor deixou muito claro que seu estudo, neste caso, é de senso comum e não epistemológico. Paulo Freire é enfático em dizer que o professor-educador não pode ser o detentor do saber, ou, como usou em suas obras, o depositário do conhecimento. Entretanto, ele lembra que se faz necessário saber sempre mais, e que o conhecimento é algo inacabado. “Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos [...] começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento (FREIRE; HORTON, 2003, p. 159).

O grifo na afirmação de Daniel evidencia que ele se sente um ser com conhecimento pleno dos temas abordados em sala de aula. No entanto, o empobrecimento teórico fica evidente, já que ele entende que as leituras realizadas sobre assuntos da juventude estão suficientes para as oficinas de rádio. Esse saber com mais rigor é defendido pelo educador ao afirmar que a conquista de um ensino comprometido com a aprendizagem deve estar no discurso dos educadores.

²⁰ Daniel Souza Paes. Entrevista citada.

Essa compreensão sintonizada com as ideias do educador Paulo Freire, considera que se faz necessária na ação de ensinar uma postura rigorosa na exigência de criticidade, de estética e de ética, na exigência do exemplo das palavras em atos, na exigência do risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, na exigência de reflexão crítica sobre a prática, no reconhecimento, em que requisitava-se ensinar não como ato mecânico, de mera transmissão do conhecimento, mas ensinar como uma tarefa especificamente humana.

E para isso o educando deve libertar-se da atual situação por meio da educação e da construção do conhecimento que não se faz apenas de forma empírica. Freire lembra que não existe prática sem teoria, nem o contrário. “A teorização deve regressar à prática (...) como uma nova luz. A luz não acrescenta nada ao real, mas permite vê-lo melhor, entendê-lo, captá-lo cientificamente. Enfim, a teoria se faz guia para a ação transformadora do real” (FREIRE; BETTO, 1985, p. 77).²¹

Na própria fala de Daniel é possível perceber que a escola tem papel fundamental no crescimento deste educando. Um professor comprometido com o processo ensino-aprendizagem dos alunos só tem a colaborar com a construção de um conhecimento crítico e libertador. “Hoje eu vejo que fui um adolescente abandonado. A Escola não era comprometida comigo e preocupada com o meu futuro²²”.

Para Cotrim (1996), o conhecimento científico quando analisado do ponto de vista histórico é algo muito recente, e em prol da evolução da humanidade como a conhecemos transformou-se numa prática constante, procurando afastar crenças infundadas e sem a devida comprovação científica. O conhecimento científico é baseado em métodos rigorosos, que buscam produzir um conhecimento amplo, objetivo e sistêmico, buscando prever os acontecimentos e antecipar ações com a devida cautela e precisão necessárias.

Complementarmente, Cotrim (1996) ainda afirma que o senso comum diferencia-se do conhecimento científico em função do rigor empregado. A partir do momento que compreendemos e admitimos que o senso comum é carente de fundamentação, percebe-se que a ciência produz o conhecimento por tratar-se do resultado do pensamento crítico e racional, preocupando-se principalmente com questões e hipóteses de pesquisa de alta relevância, resultando assim em teorias que revelem a verdade sobre a realidade das coisas. Freire destaca que o senso comum

²¹ Importante destacar que o uso de pressupostos freirianos é uma escolha da autora da pesquisa e não um compromisso do educador social Daniel Paes.

²² Daniel Souza Paes. Entrevista concedida em abril de 2012.

pode sim ser crítico, ainda que o educador não possa se pautar em senso comum em seu trabalho, mas numa ciência crítica.

Em contrapartida às “falhas” na prática pedagógica do professor das oficinas do Casep, Daniel Paes demonstra ter uma leitura de mundo que muito contribui para um processo emancipatório dos jovens do Casep de Criciúma. A visão de liberdade do ex-detento apresenta características de um sujeito comprometido com o próximo e, sobretudo, com a capacidade de transpor por meio de oportunidades, acreditando na capacidade de “ser mais” do sujeito como um ser inacabado.

A liberdade não tem preço. Não é só ir e vir, liberdade de fazer as coisas simples e se sentir livre pra isso. Liberdade diz respeito à oportunidade. Oportunidade de ser livre, de trabalho; oportunidade de realizar o que se sonha. Eu percebo que o que mais se percebe com o projeto é que são pessoas que tiveram sua essência destruída. Tiram sonhos das pessoas. Parece que o mundo capitalista injeta todo esse capitalismo no cara, e não se trata de capital, se trata de sonhos²³.

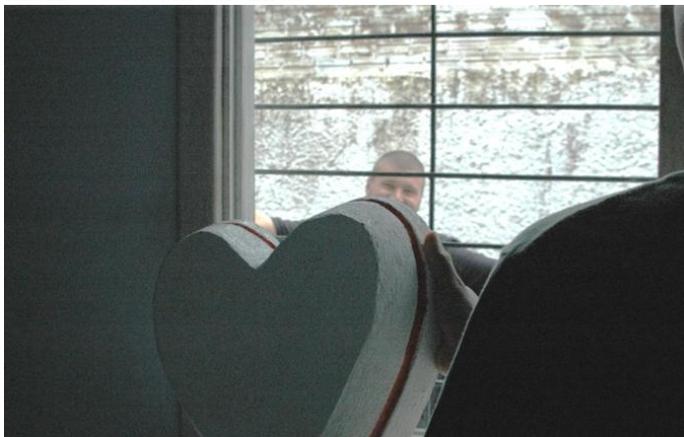
O educador tem uma visão apaixonada sobre a liberdade, porém, é perceptível que a leitura da realidade coaduna com ideias de libertação dos estudiosos, quando vê o oprimido impedido de realizar sua condição ontológica de ser mais. Neste caso, a afirmação é confirmada por Freire (1987), quando cita que ser livre é um ato conquistado com o outro.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.

²³ Idem.

É nesta comunhão de experiências e histórias de vidas parecidas que o Comunicasom é realizado. A iniciativa tenta dar voz e vez aos adolescentes que, mesmo à margem da lei, buscam na fala a vontade de mudança.

Figura 4 – Daniel Souza Paes olhando um dos trabalhos dos internos feito em cerâmica



Fonte: Da Autora.

Figura 5 – Daniel Souza Paes – educador Comunicasom



Fonte: Arquivo Pessoal

4.3 A LIBERDADE POR MEIO DA FALA – O DEPOIMENTO DOS MENINOS

Um microfone como ponte entre uma rotina de crimes e um amanhã melhor. Palavras que sintetizam esperança, redesenham o presente e delimitam sonhos para o futuro. Eles são autores de ato infracional e, enquanto se recuperam, encontram na comunicação o caminho entre o que se tornaram e o que a palavra quer fazer deles. Mesmo na adolescência à margem da lei, encontram esperança por meio do rádio. As ondas sonoras que transformam são fruto do Comunicasom, que dá voz e vez a jovens. (FARIAS, 2011).

O trecho anterior foi extraído de matéria jornalística produzida pela autora. A reportagem, realizada em 2011, reproduz características do Comunicasom. Foi o primeiro contato com a iniciativa. Dentro do Comunicasom os internos produzem programas radiofônicos, selecionam músicas, enviam recados aos colegas e relatam experiências vividas por meio do microfone.

O projeto tem caráter socioeducativo e, por isso, até a escolha dos assuntos a serem tratados nos boletins de rádio é feita pelos adolescentes. Atualmente, o hip hop e as músicas religiosas lideram o ranking da seleção feita pelos internos. O coordenador do Comunicasom, Daniel Paes, conta que são os depoimentos pessoais com histórias familiares que mais emocionam e surtem efeito entre os jovens. De acordo com o educador, quase todos os meninos escolhem falar sobre a vida que tiveram e a expectativa de mudança.

A gente percebe a primeira mudança neles mesmos, quando eles escutam os relatos, se emocionam, e dá pra ver um resultado na cabeça deles, muito diferente de qualquer outra pessoa que escuta os programas. De 40 trabalhos mostrados, mais de vinte choraram, principalmente quando o assunto é família, porque a gente percebe que o grande elo entre o crime e uma vida correta é a família. Família desalicerçada, os filhos também. Família alicerçada, adolescente alicerçado²⁴.

²⁴ Daniel Souza Paes. Entrevista concedida em abril de 2012.

A fala do professor coloca os meninos em uma situação diferente de como a sociedade enxerga os crimes destes infratores. O discurso evidencia um dos problemas encontrados atualmente na sociedade. O mundo do crime como fuga de problemas familiares, de falta de amor, de cuidado. Porém, a ideia não é fazer com que estes meninos sintam pena de si mesmos ou voltem a cometer novos delitos por falta de opção na vida. O que as oficinas do Casep vem oferecendo são projetos não-formais de educação para que os garotos, quando soltos, possam ter um oportunidade melhor da que tiveram antes do cárcere. “A partir do momento que tu vai trabalhando, vai inserindo eles nas oficinas, vai mostrando que eles podem mudar, que o ato infracional pode ficar pra trás, eles começam a ver um novo futuro e começam a projetar uma vida nova pra eles”²⁵.

Neste primeiro contato com o Comunicasom, dois jovens foram peças importantes desta pesquisa. Escolhidos pelo educador social para uma entrevista jornalística, os garotos participaram do bate-papo e reproduziram o programa feito por eles. O adolescente V.M., de 17 anos, esteve internado por seis meses e participou das aulas de rádio naquele período (2011), data do primeiro contato desta pesquisa com o Casep e o Comunicasom. O jovem participou da entrevista com o consentimento da direção da instituição e da Justiça Federal. Importante frisar que a escolha não partiu da pesquisadora. A entrevista foi pré-agendada e quando a reportagem chegou ao local os dois meninos foram trazidos até a sala de aula das oficinas de rádio.

No programa *Só o Senhor é Deus*, produzido e apresentado pelo jovem V.M., a música gospel foi o estilo mais presente. De acordo com a coordenadora do Centro, Zaira Silva Prudêncio, assim que os garotos entram no Casep uma tendência natural é a proximidade com o lado espiritual. “A espiritualidade fica aflorada aqui dentro, é como se eles tivessem uma sede de encontrar uma palavra amiga, afinal, eles têm uma carência”, observa.

O adolescente entrevistado ratifica a informação afirmando, em entrevista, que é importante usar o tempo com orações. “No programa de hoje vamos falar um pouquinho mais de Deus”, relatou o menino na abertura de seu programa. Quando perguntado por que o estilo gospel, V.M. diz que louvar o Senhor faz bem. “Ele (Daniel) está nos ajudando muito, então é bom botar um louvar a Deus lá dentro (na cela do Casep)

²⁵ Zaira Prudêncio. Diretora do Casep de Criciúma. Entrevista concedida em abril de 2012.

pra gente não ficar só com pensamentos ruins. Pra adorar a Deus sempre é bom ter um pouquinho de tempo pra louvar”.

Durante a entrevista optou-se por deixar os adolescentes mais à vontade, sem forçar respostas ou insistir em perguntas. Na verdade, a condição dos meninos de estar em reclusão, chegarem algemados para a entrevista diante de educadores e coordenadores do Casep, os coloca em uma situação desigual. Percebe-se isso com a chegada dos meninos, silenciosos, cabisbaixos, aparentando vergonha por suas condições de autores de ato infracional. Pelo menos foi esta a leitura feita pela autora ao ver os jovens caminhando de uma forma “ordenada”.

O outro adolescente ouvido durante este primeiro contato entre pesquisador e o objeto a ser estudado, K., de 16 anos, disse em poucas palavras que as oficinas servem como incentivo de trabalho para quando saírem da detenção. Apreendido por alguns meses no Centro Socioeducativo, ele acredita que o contato com o rádio pode lhe trazer benefícios futuros no trabalho. “*Escolho música, edito, falo no microfone ali, escrevemo o que vamo fazê no programa*”, contou. Na sequência, é questionado se ele se enxerga fazendo algo semelhante depois da pena cumprida. “Me vejo fazendo isso (rádio), pode ser um trabalho futuro. Basta querer, né”, finalizou.

O realizador das oficinas de rádio também acredita no conhecimento construído no projeto como algo a ser usado na trajetória profissional destes garotos. “Muitos dos meninos chegam ao Casep sem nem sequer saber ligar o computador, mas acabam aprendendo ferramentas importantes que poderão ser utilizadas profissionalmente quando saírem daqui, então vejo o Comunicasom como profissionalizante sim”, destaca Daniel Paes.

A leitura de Paes não está errônea levando-se em consideração o mundo globalizado no qual vivemos. No entanto, o fazer sem reflexão é que deve ser combatido. Porém, o ensino profissionalizante que prioriza a cidadania, que ajuda na libertação do sujeito é algo que se deveria ensinar em ambientes educacionais formais, e nos não formais também, como reforça Gadotti (2009), ao afirmar que devemos:

Obter uma visão libertadora do trabalho e uma educação que não seja para o mercado, mas para a vida. A educação profissional e tecnológica não pode ser submetida à lógica do mercado, pois esta, quando introduzida na educação, faz com que aquela perca seu sentido. Vou dar um exemplo. Se nós

introduzirmos na relação professor-aluno a mesma competitividade da lógica do mercado, então o professor perderá a alma dele, porque ele vai virar um rele instrutor, formador de mão de obra (GADOTTI, 2009, p.64).

Daniel idealizou e dá sequência ao projeto Comunicasom sem ter uma formação específica na área de comunicação ou pedagogia, no entanto, a visão de mundo que tenta construir junto com os meninos impressiona os que de fora assistem aos resultados obtidos com a iniciativa. Nos programas editados após as oficinas de rádio, pode-se perceber na fala dos autores de ato infracional uma maior liberdade de expressão e comunicação.

Figura 6 – Adolescentes entrevistados pela autora



Fonte: Da autora. Abril/2011.

4.3 ARREPENDIMENTO, FAMÍLIA E *OPORTUNIDADE LÁ FORA*

Após as entrevistas feitas com dois adolescentes apreendidos no Casep para reportagem jornalística, entendeu-se que era necessário ouvir mais áudios para uma análise mais completa do projeto Comunicasom. Dos programas avaliados, o professor das oficinas colocou três deles na internet que serão analisados nesta pesquisa. De acordo com Paes, a publicação dos áudios partiu de uma escolha pessoal. “São programas que achei marcantes”, concluiu.

Ao ouvirmos os programas gravados e editados pelo educador social fica nítida a diferença de desenvoltura e clareza nas falas. Se ao perceberem a luz das câmeras e temerem perguntas feitas pela autora da pesquisa em entrevista jornalística, ao gravar os áudios somente na presença de Daniel, o resultado muda. Nos programas em que estão apenas os internos e o educador, os garotos contam seus delitos, seus sonhos e dividem sentimentos.

Liberdade que o rádio permite, afinal, é um veículo capaz de instigar a imaginação, os sentidos, auxiliando no que diz respeito à conscientização do sujeito. Como citou Citelli (2006) ao afirmar que a imaginação se desperta provocando inquietações fazendo com que, por meio do diálogo, construam-se redes de imagens facultadas pelas sequências de palavras.

O primeiro programa analisado depois das entrevistas feitas foi postado no *youtube* em janeiro de 2012, todos com a liberação da Justiça Federal. Em aproximadamente oito minutos de gravação, um adolescente em conflito com a lei relata como foi parar no Centro Socioeducativo Provisório de Criciúma. A edição foi do educador que, com trilha e música escolhidas pelos garotos, deu um ar radiofônico ao material.

O programa inicia com uma trilha e na sequência o depoimento do rapaz dizendo que tem 16 anos e é morador do bairro São Luiz, em Criciúma. O adolescente conta que foi apreendido por crimes dos artigos 33, 10 e 57 (tráfico, furto e assalto à mão armada), sob pena de seis meses a três anos de reclusão. Detido há dois anos, o relato apresenta o início da vida no mundo do crime:

Quando eu comecei, comecei pulando a janela de casa e indo *pro* parque, daí comecei a *fuma* cigarro e depois um baseadinho, aí comecei a *cheira* pó, foi onde eu comecei a *entra* no crime. Comecei a *rouba pra sustenta* o pó, começou a *vim* dinheiro fácil e daí quanto mais vem, mais se gosta.

Com um fundo musical de um rap e sinais sonoros o depoimento desperta o emocional de quem ouve. Ao mesmo tempo, coloca em questão situações vivenciadas hoje em muitas cidades Brasil afora. Adolescentes em contato, desde muito jovens, com as drogas. Mesclando trilha e falas do rapaz, ele conta os crimes cometidos em virtude do uso de narcóticos, mas também recorda com saudade dos

familiares. Em seguida, a esperança de um futuro melhor fora da prisão. “Penso no futuro, antes de ser liberado queria um curso pra aprende mais coisa. Pra encerrar, queria um som pra rapaziada ali dentro ali (cela), um rap *Realidade Cruel*²⁶”.

A letra da música é um protesto em relação à realidade brasileira. Logo no início da canção, palavras que entonam um mundo de sofrimento descrevem o sentimento de muitos dos meninos em reclusão. “*Chega de desilusão, sofrimento e maldade, resgatar do meu coração o que sobrou de bondade [...]*”, discorre parte da música que compõe o áudio avaliado.

As músicas escolhidas geralmente se originam em camadas mais pobres da população. Tanto o *Rap* quanto o *Hip Hop* surgiram nos chamados “guetos” como forma de protesto ao sistema político e econômico que exclui quem tem menos e prioriza os que têm mais²⁷. Nesta parte da música *Realidade Cruel*, o autor revela certa criticidade da realidade social.

[...] é com frequência, enquanto os professores lutam com veemência, chegam apanhar de humilhados a ridículo, pra da noite pro dia aprovarem pra político reajustes exorbitantes [...] No país do carnaval, onde se encontra criança pra turismo sexual.

A música, com problemas gráficos e fonéticos da língua portuguesa, assemelha-se ao palavreado usado pelos meninos moradores de periferias. Todavia, a escolha pelo rap diz muita coisa da leitura de mundo deste jovem que, aos 16 anos, já percebe as desigualdades e falhas do sistema político do país. Não se quer aqui ter piedade e muito menos amenizar a culpa do garoto pelos atos cometidos, porém, analisando sua fala e trechos da canção escolhida é notável o

²⁶ Nome da música que o garoto solicita para rodar para os colegas do Casep.

²⁷ O hip-hop é uma cultura juvenil que surgiu da apropriação pelos negros norte-americanos do deejaying jamaicano e, em parte, à expansão da música reggae. À semelhança de outros movimentos que o precederam ou lhe foram contemporâneos, como o hippie e o punk, iniciou-se como crítica ao poder instituído e valores estabelecidos, algo de que a indústria norte-americana se apropriou. Esta converteu-o em produto de consumo, comercial, que, fruto também da globalização, se internacionalizou constituindo a música um vector preferencial dessa internacionalização (FERNANDES, 2010).

descontentamento com a realidade vivenciada fora da detenção e certa criticidade sobre o mundo.

Para este jovem entender a realidade como algo desigual houve reflexão sobre a vida e sobre si por meio da música. Esta reflexão não é algo solto, mas situado na existência dos indivíduos. A propósito, Freire (1980, p.33) diz que “os homens são porque estão situados. Quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens”. Portanto, o homem passa a assumir uma posição de sujeito a partir do momento em que reflete acerca da sua situação e do seu ambiente concreto.

Dos áudios ouvidos e das entrevistas analisadas os discursos concordam em muitas questões, como a saudade da família, o ingresso no mundo das drogas e o descontentamento com a realidade sociopolítica e econômica do país. Através da fala, os meninos expressam sentimentos dos mais variados possíveis que vão desde raiva à esperança de um futuro mais digno ao saírem do sistema socioeducativo.

É o caso do segundo programa analisado neste estudo. Assim como no anterior, o adolescente inicia a narração falando que é morador de Criciúma e tem 16 anos. Logo no início da explanação, ele conta que é a quarta vez que retorna ao Casep. “Caí no artigo 155 e 157, furto e assalto à mão armada”, conta o garoto.

Em seguida, ele lembra como chegou a cometer os crimes que os colocaram atrás das grades.

Quando eu comecei a *entra* no crime, pra mim era tudo frescura, eu comecei a *rouba* só pra ter dinheiro e *compra* coisa boa. Não usava droga, comprava roupa, boné, só coisa boa, corrente. Aí teve uma época que comecei a me *vicia* só no roubo, só no roubo, quando eu fui vê eu já tava assaltando, fazendo coisa que não podia ter feito, aí comecei a *fuma* o primeiro baseado, comecei a fumar, fumar, depois cocaína e aí caí no crack e aí acabei com a minha vida. Porque eu to aqui dentro agora, porque na rua por nada eu nem tava mais aqui. [...] eu vou e volto, vou e volto. A primeira coisa que quero fazer é alegrar a minha mãe quando eu sair daqui, depois eu quero voltar a estudar, talvez eu volte

a fazer o que fazia na rua, esporte, quero ter outra rotina de vida.

Mais uma vez, o discurso é de protesto, arrependimento e esperança de regeneração ao sair da privação. O relato apresenta características semelhantes da análise com o adolescente anterior, onde eles vivem uma realidade de crimes. Na fala do jovem fica evidente a liberdade que consegue ao se expressar, contando com riqueza de detalhes a trajetória de vida “fora da lei”.

Durante a oficina de rádio, os jovens evidenciam que o Comunicasom colabora com processos educativos de aprendizado, como a confiança em si mesmo e tolerância. Pela palavra dita, entende-se que eles se sentem acolhidos para expor medos, angústias e saudade, como enfatiza a coordenadora técnica do Casep, Júlia Graziela Durant Nuernberg, quando diz que as oficinas, além de ajudarem na construção de um saber, mexem com o lado psicológico dos meninos. “O comportamento e o emocional ficam estabilizados, motivando os mesmos ao egresso junto à família”²⁸.

Esta motivação é percebida nos dois depoimentos analisados quando os garotos expressam a vontade de estar com a mãe e os familiares. Em um trecho da música escolhida pelo adolescente, mais uma evidência de arrependimento e dor.

Sinto vontade e chorar, ao ver a minha mãe aqui, me visita, talvez se eu tivesse pensado um pouco mais, hoje eu não estaria atrás de uma cela num pátio de presídio. Aqui raramente se fala de amor, aqui constantemente é puro sofrimento e dor.

Sufrimento e dor fazem parte da letra que aborda também o estilo de vida levado por adolescentes excluídos da sociedade. A desenvoltura mais solta nos programas gravados somente com a presença do educador social permite um momento de reflexão e liberdade no discurso. Mesmo passando por um processo de edição, os áudios apresentam jovens querendo mudar e vislumbrando um retorno ao núcleo familiar com uma outra realidade.

A vontade de mudar instiga estes meninos a tentar uma nova saída, é ter esperança e acreditar que é possível buscar e lutar por

²⁸ Entrevista concedida via e-mail em março de 2013.

mudança. “A esperança está na raiz da inconclusão dos homens, a partir da qual eles se movem em permanente busca. Busca em comunhão com o outro”. (FREIRE, 1980, p. 84). Esta inconclusão gera a busca por algo melhor.

Esta mudança é entendida por Freire como forma de transformar a realidade. Ao reconhecer essa realidade, os sujeitos têm a possibilidade de perceber seu contexto de maneira crítica, podendo transformá-lo. Paulo Freire falava que toda reflexão crítica, para ser verdadeira, gera uma ação crítica, assim, ao perceber este contexto e agir diferentemente nele, os sujeitos estão construindo uma nova forma de atuação com o mundo. “A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo” (FREIRE; 1987, p.92), neste caso, a realidade em que vivem.

No último áudio ouvido por este estudo, outro relato individual com indignação coletiva e situações semelhantes comparando-se aos programas anteriores analisados pela autora. A programação musical não fica apenas no *hip hop* ou *rap*, o garoto de 16 anos, há seis meses internado no Casep, abre a programação da “Rádio Cip”²⁹ (como ele mesmo fala) apresentando as atrações da edição de hoje do programa *É nós*³⁰. O menino anuncia que irão tocar: rap gringo, dança eletrônica, entre outros gêneros. Além disso, comunica que haverá uma entrevista com “o colega D.”.

A produção radiofônica chama atenção pela qualidade auditiva, sonorização e edição exemplares. Características das rádios profissionais são averiguadas nos programas da Rádio CIP. O conteúdo ganha formato jornalístico quando o jovem entrevista o outro infrator, com perguntas coerentes e ligadas ao contexto atual da realidade do país. Assim, entende-se que, mesmo sendo um conhecimento sem embasamento teórico, o educador Daniel, sem formação específica, consegue elaborar com os meninos elementos possíveis para a construção de um saber, não científico, porém com resultados interessantes no conteúdo final, neste caso, os programas editados.

No início do programa, diferentemente dos analisados até aqui, o jovem não relata a vida sofrida que teve, nem como chegou até o Casep.

²⁹ Rádio CIP porque o áudio é de abril de 2011, quando o local para adolescentes infratores ainda se chamava Centro de Internamento Provisório (CIP) e não Casep como é atualmente chamado o Centro Socioeducativo Provisório.

³⁰ Termo muito usado pelos internos que significa “Somos nós”.

A trajetória de delitos fica no discurso do colega, D., entrevistado do *É nós*.

Após rodar o “*rap gringo*” escolhido pelo apresentador, a música pop e até nacional fazem parte da plástica do áudio. Em seguida, o rapaz volta para entrevistar o colega de internamento. Ele faz uma apresentação de D., que começa a responder os questionamentos.

Menino apresentador: “*boa tarde, D.. Que ato infracional você cometeu para estar no CIP, que medida você pegou e quanto já cumpriu?*”

Entrevistado: “*boa tarde. Eu fiz o ato infracional 121 (homicídio), peguei de seis a três anos e tô sete mês na caminhada*”.

Menino apresentador: “*o que você acha do sistema?*”

Entrevistado: “*não que é uma coisa boa, mas é uma coisa melhor, pro cara muda de vida*”.

A linguagem formal “roteirizada” é percebida pela expressão “você”, usada com pouca frequência no cotidiano destes adolescentes e em músicas como o Rap e o Hip Hop. No entanto, a resposta “solta” do entrevistado deixa o programa descontraído e jovial. Chamam a atenção as perguntas “profundas” do apresentador, primeiramente ele pergunta sobre o sistema prisional e na sequência indaga:

Menino apresentador: “*o que você acha que vai mudar a situação da sociedade?*”

Entrevistado: “*eu tando preso não vou mais fazer problema na comunidade, né, não só eu, mas um monte de gente*”

Na explanação anterior outro ponto que aproxima os garotos. Os questionamentos e inquietações sobre a sociedade e a realidade. Características ainda mais presentes na mensagem final do menino, quando ele fala que “isso aqui não é vida pra ninguém, *vamo* respeitar o pai e a mãe, que não é fácil essa vida aí, essa vida aí é só destruição. Esse mundão é só ilusão”, falou o entrevistado.

Seguindo a programação, música de protesto cantarolada pelo próprio apresentador. Na letra, revolta, indignação e muita saudade, como mostra o trecho a seguir:

[...] tudo tem consequência, olha só cinco filho,
pai desempregado em casa, o rango da nossa
mesa é o lixo é o lixo da Ceasa tem hora que

cansa, viver só de migalha nesta sociedade falha [...]

Novamente, é notável o gosto dos meninos por músicas que retratem a desigualdade social. De qualquer forma, protesto ou não, a letra faz com que esses sujeitos reflitam sobre suas vidas enquanto cidadãos com o mundo, a fim de perceber a realidade e poder se libertar, como defendia Paulo Freire. Defensor do uso da palavra para libertação e acreditando que a igualdade social pode ser alcançada através da educação, Freire propõe o diálogo e o direito à voz para conduzir o indivíduo a um nível crítico capaz de emancipá-lo.

Este direito a voz é o que propõe o Comunicasom. Mesmo com falhas perceptíveis, o projeto consegue dar voz aos adolescentes à margem da lei, que encontram no rádio uma ponte entre o que fizeram e o que pretendem fazer após a liberdade. Atualmente o Comunicasom está funcionando no Presídio Santa Augusta e utilizado em palestras para prevenção da violência infanto-juvenil.

Figura 7 – Adolescentes do Casep em oficina de rádio



Fonte: Daniel Souza Paes

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distanciar-se do objeto pesquisado nem sempre é uma tarefa das mais fáceis de executar. Ainda mais quando este objeto a ser estudado faz parte da vida do pesquisador há vários anos e esteve presente em gerações passadas. Pesquisar o radioeducativo foi extremamente gratificante e revelador, principalmente, quando este é utilizado em processos educativos que ultrapassam o espaço escolar. Desde a coleta de dados foi possível vislumbrar o rádio como mecanismo de interações entre jovens em privação de liberdade, neste caso o Casep de Criciúma. Além disso, ficou claro o uso de uma pedagogia voltada para uma educação como prática de liberdade.

A construção deste estudo foi instigante e desafiadora, tendo em vista o espaço educativo analisado: um projeto socioeducativo destinado a adolescentes privados de liberdade. O contato com as oficinas de rádio do Comunicasom foi recompensador. Ver o rádio sendo utilizado como um meio de expressão e ressocialização de garotos em conflitos com a lei é motivador. Falhas foram detectadas, é bem verdade, mas a colheita de bons frutos fica clara com a continuidade e ampliação do projeto.

Desde o ano passado, os áudios coletados nas oficinas de rádio fazem parte de um novo projeto da Justiça Federal e Unesc, parceiras e mantenedoras atuais do Comunicasom. Agora, as vozes destes meninos ecoam nos ouvidos de educandos do ensino médio e fundamental das escolas públicas e particulares de Criciúma. A expansão da iniciativa para os colégios do município, num projeto de prevenção à criminalidade infanto-juvenil, demonstra como o Comunicasom tem apresentado resultados positivos.

Em entrevistas realizadas com o criador do Comunicasom – Daniel Souza Paes – deu para compreender o seu envolvimento nos processos formativos de busca de uma educação como prática da liberdade com o uso do radioeducativo. Sem lhes tirar a culpa ou amenizar possíveis delitos considerados graves, Daniel dá voz a estes meninos “delinquentes”, mas que também estão à margem da sociedade, pelo menos foi o que estes jovens relatavam durante os programas elaborados nas oficinas.

Quando se permite que estes re-educandos falem, se está assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade como aponta Freire em suas obras. Liberdade ao falar no rádio que auxilia na emancipação destes jovens que poderão conseguir enxergar a realidade de um outro prisma graças a crítica feita por meio da leitura e re-leitura

de mundo. É educar para uma reflexão e perspectiva de mudança, como lembra Gadotti:

Educar para um outro mundo possível é fazer da educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de formação crítica e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua forma hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, é uma educação para a sustentabilidade (2005, p.25).

O outro mundo citado pelo autor é uma crítica à realidade existente onde o capital exerce força sobre os oprimidos colocando-os numa situação de cada vez mais opressão. Foram nos discursos dos internos do Casep que se notou essa vontade de mudar e, de contestação da realidade. No *rap* e no *hip hop* eles expressam indignação sobre a política, a economia e o sistema carcerário, pois se identificam com as letras das músicas. Na religião, encontram palavras que acalentam a alma inquieta destes adolescentes.

Em relação ao papel do radioeducativo podemos afirmar que sim, ele pode ajudar no processo de conscientização e emancipação de adolescentes privados de liberdade. Os áudios dos garotos apresentaram depoimentos de sujeitos que erraram perante à lei, mas que, por meio da leitura de mundo, da ação-reflexão, são capazes de pensar em um novo começo fora da prisão. O fazer pensar destes jovens os leva a conscientização que objetiva a desalienação para coloca-los em uma situação de sujeitos emancipados, como retrata Freire (1980), ao afirmar que quanto mais os sujeitos refletirem criticamente a própria existência, sendo protagonista da sua realidade, mais se tornarão homens.

O estudo do Comunicasom como proposta de radioeducativo para adolescentes privados de liberdade teve similaridade, indireto é evidente, na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Considero uma escolha acertada, pois entrelaçou um estudo de caso à luz de uma teoria voltada à Educação Popular, que entendemos é usada por Daniel, mas

com pouco embasamento teórico e metodológico, tendo em vista a sua formação. Digo indireto porque o educador utiliza metodologias durante as oficinas que, mesmo sem um conhecimento crítico de certos assuntos e formação específica, garante liberdade no processo ensino-aprendizagem. Com a fala explicitada nos áudios analisados na pesquisa deu para perceber que o uso do rádio como meio de interações fez com que estes meninos vivenciassem sentimentos como a saudade e a esperança, como disse um dos internos ouvidos, com 16 anos, que seu maior desejo ao sair do Casep é estudar e estar perto da família. “A primeira coisa que quero *faze é alegre* a minha mãe quando eu *sai* daqui, depois eu quero volta a estudar, talvez eu volte a *faze* o que fazia na rua, esporte, quero *te* outra rotina de vida”.

Um fator que se viu como necessário em virtude desta pesquisa é a restrita aplicação do pensamento freiriano de em estudos de radiojornalismo. Embora o pedagogo não tenha tratado diretamente de comunicação, ele cunhou conceitos que se aplicam a prática do Jornalismo. Além do diálogo proposto por Freire como caminho para educar e promover reformas sociais, existe a “percepção crítica da realidade”, que Freire não relacionou diretamente ao papel de um veículo, mas pode de fato ser resultado de intervenções radiofônicas.

O campo a ser explorado pela comunicação educativa ainda é vasto e tem uma trajetória longa a percorrer, mas o uso do rádio em espaços alternativos de educação pode auxiliar no processo de aprendizagem, sejam de jovens, crianças, adultos ou idosos. O veículo com características peculiares de mobilidade, instantaneidade e, principalmente, com uma linguagem simples (não simplória) torna-se opção em potencial na formação de sujeitos. No entanto, requer uma integração entre as atividades nem sempre encontrada nos sistemas educacionais. Além disso, o aprendizado deve ser algo contínuo, o que não acontece nas oficinas de rádio no Centro Socioeducativo de Criciúma.

Por fim, foi uma experiência única acompanhar o fazer rádio dos adolescentes infratores do Casep de Criciúma. O contato com as “lições” pedagógicas de Paulo Freire com certeza me farão uma pessoa melhor, não somente como educadora e jornalista, mas como alguém sempre disposta a aprender. “Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (Freire, 1996, p. 94).

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, T. F. **Educação e Emancipação Humana: Uma Fundamentação Filosófica**. Thaumazein, Ano V, Número 09, Santa Maria, p. 40-56, Junho de 2012.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **A Rádio-Escola como uma experiência de Comunicação Educativa**. In. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UFC, 02 a 06 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br>. Acesso em maio de 2011.

BELLONI, Maria Luiza. **Mídia Educação**. 3ª edição. Campinas/SP: Autores Associados, 2009.

BRANDÃO, R. **Educação Popular**. 3 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

CASEP. **Centro de Internamento Socieducativo Provisório**. Disponível em <http://cipcriciuma.blogspot.com.br>.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no Rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.

CHANTLER, Paulo; HARRIS, S. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1992.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Maria Luisa F. **Rádio Educativo: A contribuição de Edgar Roquette-Pinto para a Democratização do Conhecimento no Brasil**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eix01/266.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2010.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva. 1996. Ed., São Paulo: Cortez, 2008.

FARIAS, Karina. **Pelo som a oportunidade de um amanhã melhor**. Site Portal Satc, publicado em abril de 2011. Disponível em <http://www.portalsatc.com/site/interna.php?i_conteudo=6041&titulo=Pelo%20som%20a%20oportunidade%20de%20um%20amanh%E3%20melhor>

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERNANDES, Cristina Brito. **Cor, Ritmo e Movimento: hip-hop, definição e suas influências na contemporaneidade**. Disponível em http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3712/1/Tese_%20CD.pdf, (2010).

FIGUEIREDO, Maria do Amparo C. **Dialogando com Freire e Boaventura sobre emancipação humana, multiculturalismo e educação popular**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003

FREIRE, Paulo. _____. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/Paulo Freire**; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Comunicação e Extensão**. 5 Ed. Rio, Paz e Terra, 1980.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 14ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed: Rio, Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1996.

_____. **Educação e atualidade brasileira.** São Paulo: Cortez/IPF, 2001.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho.** São Paulo: Ática, 1985.

FREITAS, M.C. **Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos.** In. Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos (Org). Histórias e memórias da educação no Brasil. 1a Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação formal/não-formal.** In. Institut Internacional Des Droits de L'Enfant (IDE). Suíça, 2005.

_____. **Educação é Compromisso.** 4ª Ed. Campinas, Papyrus, 1992.

_____. **Educação Profissional: Ciência e Tecnologia.** Volume 4, número 1, p. 61-64, jul./dez. 2010. EDIÇÃO ESPECIAL. Entrevista concedida em 25.11.2009 a Por Ricardo Silva & Rafael Voigt.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª Ed. São Paulo, Atlas, 1991.

GILIOLI, Rento de Souza P. **Educação e Cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto.** 409f. In. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

GOHN, M. da Glória. **Educação não-formal: cultura política.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Maria de Fátima Cabral Marques. **Política social e o pensamento de Paulo Freire.** Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2002?). Disponível em <http://www.uff.br/aleph/textos_em_pdf/politica_social_e_o_pensamento_de_paulo_freire.pdf>. Acesso em fevereiro de 2013.

JOBIM, Letícia Mossate; OLIVEIRA, Marilda Oliveira. **A contribuição de um espaço não-formal de ensino na formação da cidadania infantojuvenil.** Vol. 2 n° 4 jul./dez. 2007 p. 313-326. UNIOESTE. CAMPUS. DE. CASCAVEL. Disponível em www.e-revista.unioeste.br.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio.** São Paulo: Contexto, 2004.

KANT, I. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba, Unimep, 1996.

MARTINS, G. A. e THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas.** 2ª Ed, Ed. Atlas, 2009.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica.** São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** In. Artigo apresentado na Conferência feita nos Cursos da Arrábida Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO Mariana. **O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia.** (Pesquisa CNPq, 2008). Disponível na Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação <http://www.bocc.ubi.pt>.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira.** São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=291>. Acesso em março de 2013.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **A Seleção Brasileira como propaganda do Governo Getúlio em 1938 e os militares em 1970.** In. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória – 13 a 15 de maio de 2010.

ONGARO, Viviane. **Rádio - escola como prática de uma educação libertadora: estudo de caso no Centro de Socioeducação Curitiba.** In. Dissertação Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

ORTRIWANO, Gisella. **A Informação no Rádio**. São Paulo: Summus, 1985.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio, Soarmec Editora, 1999.

ROSA, Rosane; SILVA, Manuela Ilha. **A práxis comunicacional e a construção de um saber emancipatório: um diálogo entre Freire, Kaplún e Martiín-Barbero**. In. *Animus – revista interamericana de comunicação midiática*. Vol. 18, 2010. Acesso em agosto de 2012.

SANT'ANA, Thaís R. da Silva. **A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de São Paulo, 2008.

SANTA CATARINA. **Departamento de Administração Socioeducativa (Deap)**. Disponível em <http://www.dease.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=56>.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. Ed. Revista. – Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

SILVA, Walberto Barbosa. **A pedagogia dialógica de Paulo Freire e as contribuições da programação neurolinguística: uma reflexão sobre o papel da comunicação na educação popular**. 85f. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Paraíba, João Pessoa, 2006.

SOUSA, Rainer. **Revolução Constitucionalista**. 2009. Disponível em <<http://www.brasile scola.com/historiab/revolucaoconstitucionalista.htm>>. Acesso em 30 de setembro de 2012.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o Rádio não contou**. São Paulo, Negócio Editora: 1ª Edição, 1997.

ZANOTTO, Maria Angélica; ROSE, Tânia Maria. **Problematizar a própria realidade: análise de uma experiência de formação contínua**. In. *Educ. Pesqui.* vol. 29 no.1 São Paulo Jan./June 2003.

Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100004>>.

ENTREVISTAS

NUERMBERG, Júlia. Entrevista concedida em março de 2013.

PAES, Daniel. Entrevista concedida em abril de 2012 e fevereiro de 2013.

PRUDÊNCIO, Zayra. Entrevista em abril de 2012.

ÁUDIOS

YOUTUBE. Disponível em < <http://www.youtube.com/user/criaudio>>. Acessado em janeiro de 2013.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A – Perguntas elaboradas para entrevista com o educador social do Projeto Comunicasom.

NOME:

PROFISSÃO:

DATA DA ENTREVISTA:

- O que é o projeto Comunicasom?
- Qual seu envolvimento com o projeto?
- Quem é assistido pelo Comunicasom?
- Há quanto tempo o Comunicasom atua?
- Quantos adolescentes já participaram do projeto?
- Por que a escolha do rádio como ferramenta educativa?
- Há mudanças nos adolescentes que participam do projeto?

Quais?

- O Comunicasom, na sua avaliação, pode ser considerado um projeto educativo? Por que?
- Você considera que o Comunicasom é um projeto profissionalizante também?

APÊNDICE B – Perguntas elaboradas para entrevista com a direção do Casep.

NOME:

PROFISSÃO:

DATA DA ENTREVISTA:

- Quando o Casep foi fundado?
- Tempo máximo e mínimo de reclusão dos internos?
- O Casep tem quantos internos? Está na sua capacidade máxima?
- Atualmente, quantos internos estão no Casep?
- Há reincidentes?
- O Casep se mantem com que recursos?
- Quais as oficinas que funcionam no Casep? Em que dias da semana?
- Todos participam das oficinas?
- O Comunicasom funciona por quanto tempo?
- Há mudança no comportamento dos jovens que participam das oficinas? Quais?

APÊNDICE C – Perguntas elaboradas para entrevista com adolescente participantes do Comunicasom.

NOME:

IDADE:

TEMPO DE RECLUSÃO:

DATA DA ENTREVISTA:

- Que tipo de atividades você participa dentro do projeto Comunicasom?
- Quanto tempo você participa do Comunicasom?
- Que tipo de mudança você percebe com as oficinas do Comunicasom?
- Você entende as oficinas como uma possibilidade de trabalho fora do Casep?
- Que tipo de programação radiofônica você costuma elaborar dentro das oficinas do Comunicasom?
- Por que você participa das oficinas de rádio?
- O Comunicasom, na sua avaliação, pode ser considerado um projeto educativo? Por que?